

O mistério da coexistência de felicidade e sofrimento

Resumo

A coexistência – não apenas sucessivamente, mas simultaneamente – de felicidade e sofrimento é uma experiência que a pessoa humana pode fazer em sua vida neste mundo. Para um entendimento mais profundo dessa coexistência se esclarecem, primeiro, os dois conceitos de felicidade e sofrimento para, em seguida, alargar o horizonte da reflexão além da vida humana nesta terra.

Assim, primeiro reflete-se sobre a felicidade e um “sofrimento” misterioso de Deus que é Amor. Segue a reflexão sobre o mistério da coexistência de felicidade e sofrimento em Jesus Cristo em Sua vida terrena e até mesmo depois da Sua glorificação celeste, uma vez que Ele não Se ausenta totalmente dos que vivem ainda aqui na terra.

Esta reflexão pode, então, projetar luz também sobre a coexistência de felicidade e sofrimento dos discípulos de Cristo na vida terrena e, de alguma maneira, também na vida gloriosa depois da morte. Assim é possível reconhecer também o sentido verdadeiro da coexistência de felicidade e sofrimento na vida humana como caminhada para a perfeita felicidade.

Segue-se uma reflexão sobre o mistério da coexistência da felicidade perfeita dos santos Anjos na visão beatífica de Deus e de um certo “estado de caminhada” – que implica a possibilidade de um certo sofrimento – no seguimento de Cristo, isto é, no cumprimento da sua missão como Anjos do Filho do Homem.

Concluem-se essas reflexões com o reconhecimento de que os diversos tipos de coexistência de felicidade e sofrimento não são algo definitivo. No final do caminho da história, com “novos Céus e nova terra”, cessa tal coexistência para haver somente felicidade, sem qualquer sofrimento, enquanto para aquelas pessoas criadas que rejeitaram definitivamente a fonte da verdadeira, eterna felicidade, isto é, Deus, fica somente o sofrimento, isto é, a privação percebida do bem (infinito).

Summary

The coexistence – not just successively, but simultaneously – of happiness and suffering is an experience that the human person can have in their life in this world. In order to gain a deeper understanding of this coexistence, we first clarify the two concepts of happiness and suffering and then broaden the horizon of reflection beyond human life on this earth.

First, we reflect on the happiness and mysterious “suffering” of God who is Love. This is followed by reflection on the mystery of the coexistence of happiness and suffering in Jesus Christ during His earthly life and even after His heavenly glorification, since He is not totally absent from those who still live here on earth.

This reflection can then also shed light on the coexistence of happiness and suffering of Christ’s disciples in earthly life and, to some extent, also in the glorious life after death. In this way, we can also recognize the true meaning of the coexistence of happiness and suffering in human life as a journey towards perfect happiness.

This is followed by a reflection on the mystery of the coexistence of the perfect happiness of the holy Angels in the beatific vision of God and of a certain “state of journeying” – which implies the possibility of a certain suffering – in following Christ, that is, in fulfilling their mission as Angels of the Son of Man.

These reflections conclude with the recognition that the various types of coexistence of happiness and suffering are not definitive. At the end of the path of history, with the “new heavens and new earth”, such coexistence ceases so that there is only happiness, without any suffering, while for those created persons who have definitively rejected the source of true, eternal happiness, that is, God, there remains only suffering, that is, the perceived deprivation of the (infinite) good.

* * *

Introdução

“O homem é feito para viver em comunhão com Deus, no qual encontra sua felicidade: «Quando eu estiver inteiramente em Vós, nunca mais haverá dor e provação; repleta de Vós por inteiro, minha vida será verdadeira». ¹” O homem foi criado por Deus para a felicidade. Por isso mesmo, existe no homem o desejo natural de felicidade. “Deus o colocou no coração do homem, a fim de atraí-lo a si, pois só ele pode satisfazê-lo” (CIC 1718). Deste modo, Deus quer fazer o homem participar da Sua própria felicidade.

Deus é infinitamente feliz; é a felicidade de três pessoas em comunhão perfeita. Quando Ele faz existir outras pessoas, Ele as cria para serem felizes pela participação dessa feliz comunhão divina. *Deus feliz quer criaturas felizes.*

O mundo real, ou seja, a nossa experiência de vida nesta terra, porém, diz-nos que, além daquilo que, de um ou outro modo, alegra-nos e faz-nos felizes, existe também o *sofrimento*. Constatamos, portanto, em nós e nas outras pessoas a *coexistência* de felicidade e sofrimento. Sem dúvida, esta é uma situação que está ligada ao fato de que estamos “a caminho” rumo à felicidade perfeita e eterna. Nesta última, não haverá mais o sofrimento. Pela fé sabemos também que esse “caminhar” pode, por própria decisão, levar a um fim que não é o estado de felicidade suprema e eterna, que chamamos “Céu”, mas a um estado de sofrimento eterno, que chamamos “inferno”, que consiste para tais pessoas, essencialmente, na separação definitiva do único bem que as pode fazer plenamente felizes, isto é, na separação de Deus.

Portanto, constatamos na nossa vida a *coexistência* de felicidade e sofrimento e sabemos que podemos caminhar para a *felicidade sem sofrimento* ou para o *sofrimento sem felicidade*. Para refletir sobre essa coexistência de felicidade e sofrimento, precisamos, primeiro, esclarecer os dois conceitos e, então, avaliá-los em uma visão de conjunto que não se restringe somente à nossa vida humana; faz-se necessária uma avaliação a partir de Deus e em orientação para Ele.

¹ *Catecismo da Igreja Católica* (abrev.: CIC), 45; o texto citado pelo Catecismo é de Sto. Agostinho, *Conf.* 10,28,39.

I. “Felicidade” e “sofrimento” – o significado dos dois termos opostos

Para podermos refletir sobre a *coexistência* de felicidade e sofrimento, precisamos, em primeiro lugar, ter clareza a respeito desses dois conceitos. O que é ou em que consiste a felicidade?

A *felicidade*, em geral, é um estado da pessoa que está *unida a um bem*; a pessoa que possui, conscientemente, um bem está feliz exatamente por causa da posse desse bem. Este bem pode ser algo impessoal ou uma pessoa; é, então, a união com essa pessoa. Por conseguinte, a felicidade está essencialmente ligada ao *amor*. Com efeito, o bem é o objeto próprio do amor. “Amar é querer algo de bom para alguém”². O amor é o “movimento original do coração do homem para o bem” (*CIC* 1766). Não se ama senão o bem.³

O amor é provocado pela atração do bem. Ora, o “amor causa o desejo do bem ausente e a esperança de consegui-lo. Este movimento se completa no prazer e na alegria do bem possuído” (*CIC* 1765). Aqui temos a “felicidade” da qual estamos falando. Ela consiste na *união ao bem amado*, na *posse do bem*, que é objeto do amor.

Tal felicidade, no entanto, pode ser *maior* ou *menor*, pode ser *perfeita* ou *imperfeita*. Isso depende do *bem* maior ou menor e do grau de perfeição da *união* com o bem, ou seja, da posse do bem. A felicidade perfeita só se pode ter pela união ao bem *infinito*, que é o próprio Deus, e pela *perfeição* dessa *união* com Ele. Esta perfeição da união depende da perfeição do *amor*.

Assim, fica esclarecido o que entendemos por “felicidade”. Resta esclarecer o que entendemos por “sofrimento”.

“*Sofrimento*” é um conceito oposto à “felicidade”.⁴ O sofrimento tem a ver com o *mal*, não com o bem. A relação com o bem consiste somente

² São TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* I-II, q. 26, a. 4. São Tomás continua explicando: “Assim pois o movimento do amor tende para um duplo termo: o *bem* que se quer para alguém, seja para si mesmo ou para outrem; e a *pessoa* para quem se quer o bem. Ora, ao *bem* que se quer para alguém diz respeito o amor de concupiscência; à *pessoa* a quem se quer o bem, o amor de amizade.” São “eros” e “ágape” explicados por Papa Bento XVI em sua encíclica *Deus caritas est*.

³ Cf. Sto. AGOSTINHO, *De Trinitate* 8,3,4.

⁴ Por conseguinte, não entendemos o “sofrimento” no sentido amplo como o entenderam São Tomás de Aquino e, em geral, os escolásticos falando da “*passio*”. Vale a pena, no entanto, citar aqui, em tradução portuguesa, a explicação da “*Deutsche Thomas-Ausgabe*.”

no fato de que o mal em si mesmo não existe, não é algo subsistente, mas é sempre a privação de um bem. “Privação de um bem” significa que não há um bem que deveria haver; não é simplesmente a ausência de algum bem possível, mas a ausência de um bem que faz falta. O mal é, portanto, a *privação* de um bem. Ora, quando esta privação é *percebida* pela pessoa, esta *sofre*.

Citamos anteriormente o Catecismo da Igreja Católica, que expõe a essência do amor como movimento original ou fundamental para o bem, dizendo que esse movimento “se completa no prazer e na alegria do bem possuído”. Logo em seguida, o Catecismo fala do ódio, conceito oposto ao amor⁵, explicando: “A percepção do mal provoca ódio, aversão e medo do mal que está por chegar. Este movimento se completa na tristeza do mal presente ou na cólera que a ele se opõe” (CIC 1765). O ódio se refere ao *mal*, como o amor, ao *bem*; odeia-se o mal, ama-se o bem. A felicidade está na união, na posse do bem amado, enquanto a tristeza é causada pela presença do mal odiado, ou seja, pela privação do bem.

Vollständige, ungekürzte deutsch-lateinische Ausgabe der Summa Theologica, 1. Band, Verlag Styria 1982, Graz-Wien-Köln, 160-165, referente a S.Th. I, q. 9, a. 2:

“A expressão pati – sofrer – tem um triplice significado para Tomás e os escolásticos. O sofrimento, no sentido mais estrito, ocorre quando algo que pertence à natureza de um ser lhe é tirado ou quando lhe acontece algo que contradiz toda a sua natureza; assim, quando o homem fica doente ou ferido ou quando é tomado pela tristeza. Pois a saúde, membros íntegros e um espírito alegre fazem parte da natureza do homem. Também quando lhe é tirado ou negado aquilo a que toda a sua inclinação pessoal e todos os seus desejos se voltam, isso é um sofrimento no sentido propriamente dito. A este primeiro tipo de sofrimento está sempre associada alguma falta de liberdade, de imposição ou coação; é um suportar e, nos seres sensíveis, é sempre de alguma forma desagradável, doloroso.

Em um sentido mais amplo, não apenas a tristeza, mas até mesmo a alegria se torna um sofrimento, ou melhor, um padecer [Er-leiden], e, em geral, qualquer emoção, qualquer mudança sensorial, incluindo a recuperação da saúde ou o corar, o empalidecer; em resumo, qualquer mudança no corpo ou na alma ou, nos seres inanimados, qualquer mudança no âmbito acidental ou substancial.

No sentido mais amplo ainda, sofrer significa então qualquer recepção de algo. Assim, nossos sentidos e nossa razão se comportam passivamente, ou seja, sofrendo, recebendo, em relação às coisas; pois não somos nós que determinamos as coisas, mas as coisas nos determinam em nosso conhecimento. ... Toda transição da potência para o ato, da possibilidade para a realidade, torna-se assim sofrimento, porque a potência recebe, ou seja, padece o ato.”

Evidentemente, nesta reflexão falamos da “passio” ou do “sofrimento” no sentido restrito ou próprio, não no sentido amplo.

⁵ O ódio ao mal é também consequência do amor ao bem; quem ama o bem, odeia o mal.

Eis, portanto, o que entendemos por “sofrimento”: a *privação do bem*, enquanto *percebida*.

Também o sofrimento, como a felicidade, pode ser maior ou menor, dependendo da *grandeza* do *bem* de que se está privado e também do *grau* da *privação*, isto é, se a privação é mais ou menos parcial ou se é total.

II. A felicidade e o “sofrimento” de Deus-Amor

1. A felicidade de Deus

Vimos que a felicidade em geral consiste na posse de um bem, e que a felicidade perfeita consiste na posse do bem infinito, que é Deus. Além disso, a perfeição da felicidade pode ser maior ou menor de acordo com a perfeição da posse do bem ou da união com o bem; e esta perfeição está ligada à perfeição do amor.

Em Deus, tudo isso está realizado de maneira perfeitíssima. Seu amor é de intensidade infinita e Sua união com o bem infinito é tão perfeita que é propriamente uma união de *identidade*: Ele é este bem infinito; o Pai é este bem infinito, o Filho o é, e o Espírito Santo igualmente; todos os Três são Deus, o bem infinito. Considerando a Trindade das Pessoas que realmente Se distinguem uma da outra, podemos reconhecer também a felicidade da perfeitíssima *união entre Elas*. Pois é uma união que é *comunhão total*; não é uma comunhão que seja, de alguma maneira, parcial, como se uma Pessoa divina Se reservasse algo para Si mesma. Vale perfeitamente: “Tudo o que é Meu é Teu; tudo o que é Teu é Meu”. Assim está realizado, com toda a perfeição, o que é a intenção do amor entre pessoas: a sua união, a mais perfeita possível. Eis a felicidade absolutamente perfeita de Deus Uno e Trino pela comunhão total de três Pessoas realmente distintas.

Quando agora consideramos que a posse e o gozo do bem – pensando nas pessoas criadas, homem e anjo – obtém-se através do *ato* de *conhecer* e de *amar*, podemos, também sob este aspecto, reconhecer a perfeição da felicidade divina. “Deus é *por essência* a beatitude; pois é feliz, não pela obtenção ou participação de qualquer outra coisa, mas pela sua essência”⁶, e seu ato de conhecer e de amar *se identificam* realmente com Sua essência, com Seu ser. Portanto, Ele não é feliz por um ato que não seja

⁶ S.Th. I-II, q. 3, a. 1, ad 1.

Seu próprio ser (substância). “Em Deus está a beatitude essencial (per essentiam), porque o seu ser mesmo é a sua operação, pela qual frui, não de outrem, mas de si mesmo.”⁷

2. O “sofrimento” de Deus-Amor

A felicidade de Deus, das três Pessoas divinas, é perfeitíssima; é infinita e eterna. Ele é Amor eterno e infinito, que não é somente amor *comum*, mas também *mútuo*, isto é, amor entre as Pessoas. Assim, a felicidade das Pessoas divinas consiste também na perfeita união entre as três Pessoas, que é comunhão total: comunhão no ser e no agir (conhecer e amar), sendo que o ser não se distingue realmente do agir, mas é uma só e mesma realidade divina, comum às três Pessoas. É o que vimos até agora.

Daí poder-se-ia concluir que, em Deus, é impossível alguma coexistência de felicidade e certo tipo de sofrimento (“passio”, paixão). Pois, como vimos ao esclarecer os conceitos, a felicidade e o sofrimento são realidades opostas entre si. Depreende-se logicamente que a felicidade diminui ou faz desaparecer o sofrimento ou o sofrimento diminui ou acaba com a felicidade, e se a felicidade é perfeita, até mesmo sem algum limite, como é o caso da felicidade divina, o sofrimento está excluído totalmente.

No entanto, a Revelação divina nos faz reconhecer que é possível uma tal coexistência, a qual, porém, é muito misteriosa. Não podemos compreendê-la; apresenta-se a nós como um *mistério*, assim como a trindade das Pessoas do único Deus permanece para a nossa razão um mistério.

Tal “sofrimento” só pode ser afirmado e entendido como uma *perfeição* do *amor divino*. Porém, somente pode referir-se ao amor de Deus *para com Suas criaturas*, não ao amor de Deus a Si mesmo. Para falar disso, façamos uma distinção entre a vida “*intra-divina*” e a “*extra-divina*”. Essa distinção, evidentemente, não é uma distinção real em Deus, pois se trata, na realidade divina, de um só e mesmo ato eterno de conhecer e amar. Mas este ato tem dois *objetos* muito diversos: Deus e as criaturas. A vida intra-divina se refere a Deus mesmo; a vida extra-divina, às criaturas.

Portanto, fazemos esta distinção para falarmos da relação de Deus com Suas criaturas, isto é, do Seu ato de conhecê-las e amá-las. Deus é o amor, a bondade; como tal, Ele faz existir outros seres, outras pessoas. Ele o faz por puro amor, em total liberdade. As criaturas procedem do ato divino de conhecer e amar. Tal ato é o mesmo e idêntico ato eterno com

⁷ S.Th. I-II, q. 3, a. 2, ad 4.

o qual as três Pessoas Se conhecem e Se amam a Si mesmas e as outras duas Pessoas, e é o mesmo ato de conhecer (intelectualmente) do qual, como ato do Pai, procede o Filho, e é o mesmo ato de amor do qual, como ato do Pai e do Filho, procede o Espírito Santo. Portanto, do mesmo ato de conhecer e amar procedem o Filho, o Espírito Santo e as criaturas. A distinção real não está no *ato*, mas no *objeto* do ato.

Ora, no ato de amor divino, enquanto tem Deus mesmo por objeto, é absolutamente impossível que haja qualquer tipo de “sofrimento”; só há felicidade completa, perfeita, sem limite algum. Se, no entanto, considerarmos o amor de Deus às pessoas criadas, anjos e homens, surge a questão do “sofrimento” (paixão, compaixão) de Deus.⁸

a) O sofrimento divino: a rejeição do Seu amor por parte das pessoas criadas, a ofensa divina

Importa reconhecer que a afirmação de Deus como “um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor”⁹ traz consigo o reconhecimento de um certo “sofrimento” (“*passio*”, “paixão”) neste amor divino, caso as pessoas assim amadas por Deus rejeitem Seu amor. A Sagrada Escritura nos fala de um Deus que Se manifesta infinitamente *ofendido* pelo pecado do homem, como um pai atingido em seu coração pela ingratidão de seu filho ou um esposo intimamente ferido pela infidelidade da esposa.¹⁰ O Papa São João Paulo II fala, a este respeito, isto é, quanto ao pecado como “ofensa” a Deus, de um “sofrimento”, de uma “dor, inconcebível e inexprimível” “nas profundezas de Deus”, “no próprio coração da inefável Trindade”.¹¹ Ele esclarece que não pode ser um sofrimento “derivante de

⁸ Veja-se: N. THANNER, *Deus* – “um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor” (Bento XVI), em: *Sapientia Crucis* 10 (2009) 33-91. Expomos, em seguida, de modo resumido, o que nesse artigo foi apresentado a respeito da questão do “sofrimento” de Deus como uma perfeição do Seu amor às pessoas criadas.

⁹ BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 10.

¹⁰ Cf. *Jr* 3,19s.22; *Os* 2,4; 3,1; 11,1-9; 7,13; *Ez* 16,6-42; *Ef* 4,30; cf. *Is* 63,10. No Antigo Testamento, poder-se-ia considerar todos aqueles trechos que falam do “ciúme” ou da “ira” de Deus em relação a Israel (cf. *Dt* 4,24; 5,9; 6,15; 32,16.21, etc.; *Ex* 20,5; 34,14; *Nm* 25,11; *Ez* 8,3-5; 39,25; *Zc* 1,14; *Jr* 12,7-13). No Novo Testamento, leia-se 2 *Cor* 11,2.

¹¹ JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, n. 39.

carências ou feridas”, o que seria contra a concepção de Deus como “ser necessariamente perfeitíssimo”¹².

Como, então, entender esse sofrimento? Como uma *perfeição* que é própria do *amor*, também do amor *divino* e, exatamente, do amor divino às pessoas criadas. Vejamos, então, diversos aspectos desse sofrimento como perfeição do amor de Deus por nós, Suas criaturas. Primeiro, o sofrimento na forma de tristeza que está implicado na *compaixão* (misericórdia) de Deus conosco, que sofremos devido às consequências do pecado.

b) O sofrimento (tristeza) implicada na *misericórdia* divina

Deus é o “Deus do amor” (2 Cor 13,11) e, por isso mesmo, Ele é, em relação com o homem sofredor, o “Deus rico em misericórdia” (Ef 2,4). Ele ama o homem com a intensidade infinita do Seu amor. Por este amor, isto é, pela *união de amor* com o homem, a união que é efeito do amor divino, Deus tem *compaixão* do homem, considera o mal dele como *Seu próprio* mal.¹³ O amor faz com que não possa estar indiferente em relação a este mal (miséria do homem); portanto, Deus *Se entristece* pelo mal do homem como por Seu próprio mal. A misericórdia implica um certo sofrimento sim, mas quanto à misericórdia divina isso não contradiz a Sua perfeição, pois a razão da *compaixão* divina é puramente o amor. Considerar o mal da outra pessoa como *seu* próprio mal é uma característica do amor verdadeiro e, portanto, uma perfeição. Ora, sendo uma *perfeição do amor*, pode convir a Deus.

A *compaixão* divina é, portanto, uma certa tristeza por causa do mal da pessoa amada, e isso unicamente por causa de uma união de amor com a pessoa criada que sofre. Deus não Se alegra com esse sofrimento, mas Se entristece com ele; esse sofrimento desagrade ao Seu amor, contraria a Sua vontade amorosa. Se é possível, levando em consideração a vontade livre da pessoa e sua salvação eterna, socorre-a.

c) O sofrimento do *desejo* de amor *insatisfeito*

Na base dessa misericórdia divina está outra “dor” ou tristeza do Seu amor: a do *desejo* de amor *não satisfeito*. Pela revelação divina sabemos que Deus nos ama verdadeiramente, com um amor de amizade, amor de

¹² JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, n. 39.

¹³ Cf. S.Th. II-II, q. 30, a. 2.

aliança (amor “esponsal”). Sendo assim, Ele não pode senão *desejar* a *resposta* do nosso amor, a nossa *união* com Ele. Se nós, pecando, negamos-Lhe essa resposta de amor, o amor de Deus é *frustrado*, *desiludido*; o desejo de Seu amor não é satisfeito.

O Catecismo da Igreja Católica diz que, pecando, ferimos não somente a honra divina, mas também o Seu amor (CIC 1487). A desonra divina é um mal de Deus como um *fato objetivo*. Mas Deus é também atingido *em Seu amor* para com a pessoa criada, pois este amor deseja verdadeiramente a união com a pessoa criada, união para a qual é necessária a *reciprocidade* do amor. Há, portanto, o *sofrimento* da *insatisfação* desse desejo de amor. É um desejo de intensidade infinita, ou seja, da intensidade do amor divino.

É um sofrimento, pois é a *privação de um bem*, e esta privação é *consciente*. Mas, é privação de *que bem*? E é verdadeiramente um bem *para Deus*? Pois, do contrário, não poderia ser uma “privação”.

A resposta à primeira pergunta é a seguinte: o bem é o da *realização do desejo real de amor*. É bom poder realizar um desejo *bom*, um desejo *de amor*, de um amor profundo, perfeito.

Em que sentido a realização do desejo é um bem para Deus? É um bem para Deus, não no sentido de que sem isso Deus não possa ser plenamente feliz, mas no sentido de que é realmente uma *alegria* para Ele poder realizar esse desejo de amor, uma vez que esse desejo é sincero, é verdadeiramente um *desejo*.

A frustração desse desejo é o sofrimento de que estamos falando. É “sofrimento”, isto é, “*privação de um bem*”, porque, embora Deus não precise desse bem para poder ser plenamente feliz (e assim poder-se-ia pensar que não se trate de privação, mas de simples ausência), é conforme a *natureza* de Seu amor para conosco que Deus tenha o *desejo* da resposta do nosso amor e *Se alegre* quando damos esta resposta e o projeto do Seu amor se realiza.

3. O sofrimento do amor divino e a felicidade perfeita de Deus

O *desejo* do amor divino às pessoas criadas não implica nenhuma imperfeição em Deus, mas é a consequência da *autenticidade* do Seu amor, sendo que Ele nos ama “com toda a paixão de um verdadeiro amor”¹⁴.

¹⁴ BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 10.

Daí, porém, se chega a reconhecer também um *sofrimento* implicado no amor compassivo de Deus, bem como o sofrimento quando o desejo do amor divino for contrariado, insatisfeito, quando, portanto, Deus for decepcionado em Seu desejo sincero de amor.

Mas, tal sofrimento é *compatível* com a *perfeita felicidade* de Deus? Felicidade perfeita não significa ter *todos* os desejos do bem *satisfeitos*?

Para responder a esta pergunta não basta dizer que no amor das Pessoas divinas a Si mesmas e às outras duas Pessoas não há desejo algum; quer dizer: o que, neste amor, poder-se-ia pensar como um desejo, está eternamente e perfeitissimamente realizado; daí a plena e infinita felicidade. A dificuldade para a nossa compreensão está em entender que no *mesmo* ato de amor eterno – ato de infinita felicidade – haja um *desejo*, e até mesmo um desejo *insatisfeito*, com relação a outras pessoas.

Ora, para não se deixar levar a negar a possibilidade e realidade de tal desejo, faz-se necessário uma consciência clara do seguinte: nós temos um entendimento muito imperfeito do que é o “amor” divino. Formamos o conceito “amor” a partir do amor das pessoas humanas. Mas, para termos um conhecimento certo do amor divino, precisamos ter a consciência clara de que a realidade divina que nós denominamos com o conceito “amor” é infinitamente superior ao amor que tem uma pessoa criada. Em outras palavras, aquilo que é “amor” está realizado em Deus de um *modo totalmente diferente* do modo como se encontra numa criatura. Uma vez que é um só e mesmo ato de amor divino, esta afirmação é válida tanto para o amor enquanto tem por objeto as Pessoas divinas como também enquanto o seu objeto são as pessoas criadas.

Refletindo sobre o amor divino às pessoas criadas, é possível, por conseguinte, reconhecer grandes diferenças entre este amor divino e o amor de uma pessoa criada. Essas diferenças nos oferecem uma certa compreensão da possibilidade de *coexistirem* em Deus a *felicidade perfeita* (sem algum desejo não satisfeito) e o *sofrimento* do desejo não satisfeito, do desejo contrariado.

Vejam essas características particulares do amor de Deus pelas Suas criaturas, tão diferentes do amor de uma pessoa criada.

É um amor totalmente e absolutamente *livre*, pois Deus não Se aperfeiçoa com este ato de amor; por isso, esse amor pode ser *sem busca de interesse próprio* algum. O amor da pessoa criada, ao invés, *não* é totalmente ou absolutamente livre, pois a criatura *precisa* amar *para se aperfeiçoar*.

O ato desse amor divino *não aumenta* a felicidade (infinita!) de Deus. O amor da pessoa criada, ao invés, *aumenta* a alegria da pessoa que ama.

Se Deus não amasse (criasse) as criaturas, Sua alegria *não diminuiria*. Se a pessoa criada não amar, ela ficará com *falta* de alegria.

Ser amado pelas pessoas criadas (receber delas a resposta ao Seu amor; ter o desejo satisfeito) não significa para Deus um *aumento* de Sua felicidade, que é infinita. Para a pessoa criada, ao invés, ser amada significa um *aumento* (ou até condição) de felicidade.

Consequentemente, vale também: se as pessoas criadas não respondem ao amor de Deus, se o desejo divino a esse respeito fica frustrado, a felicidade divina *não diminui*. Para a pessoa criada, ao invés, não ser amada significa uma *diminuição* de felicidade (falta-lhe algo).

Todas essas características nos oferecem uma certa compreensão da possibilidade da coexistência em Deus de felicidade completa e do sofrimento de um desejo de amor insatisfeito. Por que a felicidade divina não aumenta com o sucesso do Seu amor às criaturas? Não porque Deus não Se alegre realmente com o sucesso do Seu amor, ou seja, com a felicidade da Sua criatura. Ele Se alegra verdadeiramente, realmente. Mas a Sua felicidade no amor a Si mesmo é *infinita e eterna*. Exclui, por conseguinte, qualquer sucessão de antes e depois, de maior ou menor. Sendo assim, no desejo divino do amor das criaturas não há busca alguma de interesse próprio, ou seja, de um *bem para Si mesmo*, que seria um *aumento de perfeição, de felicidade*. Por isso mesmo, pode-se reconhecer que tal desejo, quando não é satisfeito, não diminui a perfeição, a felicidade de Deus.

Assim, voltamos à objeção que partiu da concepção da felicidade perfeita como sendo a satisfação de todos os desejos. Ora, se há desejos não satisfeitos, parece que não pode haver felicidade perfeita ou completa.

A resposta à objeção é a seguinte: em Deus, existe essa felicidade de todos os desejos satisfeitos (eternamente satisfeitos, isto é, sem a passagem de desejo ainda não satisfeito para desejo satisfeito) pela posse do *bem infinito*, que é Ele mesmo. O desejo de receber a resposta de amor da pessoa criada não é o desejo de um *bem para Si mesmo* (que bem a mais poderia receber aquele que é o bem infinito?), mas, antes, o desejo de um bem *para a própria pessoa criada*. É um desejo que é uma característica própria do amor benevolente (*agape*). É um verdadeiro desejo (*eros*), mas como proveniente do amor benevolente; trata-se, portanto, de um *eros* que é perfeitamente também ágape. Vemos, portanto, que Deus pode amar sem buscar o *Seu* bem, mas unicamente o bem das *cria-*

turas. Disso se segue que o desejo do amor divino com relação às Suas criaturas é *unicamente* uma *consequência* da própria *natureza do amor*. A alternativa não é: amando, desejar o amor da pessoa criada amada, a união com ela, ou *não desejar* – e este não-desejar seria mais perfeito. A alternativa é realmente esta: ou Ele ama – e, por conseguinte, deseja a resposta de amor da pessoa criada – ou *não ama*. A exclusão desse desejo não seria uma perfeição, mas, pelo contrário, uma imperfeição do amor divino à pessoa criada. Se Deus tem esse desejo de amor, é porque Ele *ama de verdade* a Sua criatura (como “filha”, “amiga”, “esposa”); Ele quer o bem *dela*. Não ter aquele desejo do Seu amor seria uma *falta* nesse querer o bem dela, pois ela só pode ser plenamente feliz amando a Deus, estando unida a Ele.

Portanto, o desejo do amor de Deus às Suas criaturas, desejo que pode ser insatisfeito, é conciliável com Sua felicidade perfeita. De fato, vê-se que a felicidade completa é compatível com determinado tipo de desejos. É preciso distinguir entre desejos que perturbam a felicidade ou têm sua origem em felicidade perturbada, não completa; e desejos que não perturbam (diminuem) a felicidade e *não* provêm de alguma *falta* de felicidade, mas da *superabundância* de *bondade e felicidade*. Trata-se de desejos do puríssimo amor divino às pessoas criadas por Ele; desejos de um amor que se identifica com o amor com que Deus ama a Si mesmo e pelo qual Ele é infinitamente feliz (alegria que sacia todo o desejo de felicidade); desejos que não podem diminuir a felicidade divina infinita. *Como* isso possa ser assim, escapa, na verdade, à nossa compreensão plena, uma vez que escapa totalmente à nossa experiência, isto é, a experiência de pessoas que estão a caminho da plena felicidade. Porém, não é totalmente inconcebível, não é contraditório, uma vez que reconhecemos o seguinte: a ausência de todo desejo (plena felicidade) se afirma do amor divino *entre as Pessoas divinas*, enquanto o desejo se afirma do amor divino para com *as pessoas criadas*. Existe, portanto, alguma distinção: os *objetos* do amor divino são diferentes e, em conformidade com a distinção dos objetos, trata-se de amor “*necessário*” e amor “*livre*”.¹⁵

Um verdadeiro sofrimento?

Sendo assim, pode ainda restar a questão se se trata realmente de um “sofrimento”, quer dizer, se é um sofrimento no sentido próprio, mas

¹⁵ Não se afirma e nega ao mesmo tempo a mesma coisa *sob o mesmo aspecto*.

analógico, ou se é somente uma metáfora. Sofrimento é, como vimos anteriormente, a *privação de um bem*, sendo percebida. Em que sentido pode ser para Deus uma “privação” de um bem, se, afinal, se trata do desejo de um bem não para Si mesmo (aumento de perfeição, de felicidade), mas para a pessoa criada?

Para resolver esta questão, temos de nos lembrar que o sofrimento puramente espiritual consiste no fato de algo ser *contrário* à *vontade* que quer um bem. Deste modo, a vontade está *privada* do bem que quer. Querer o bem é amar. Portanto, o amor é privado de um objeto seu; o desejo do amor é contrariado. Este é o sofrimento espiritual. No caso do desejo insatisfeito do amor de Deus às Suas criaturas, o que Ele deseja não é um bem *Seu*, isto é, algum aumento de Sua perfeição e felicidade. Ele deseja o bem, a felicidade da *pessoa amada*, felicidade esta que não é possível sem que esta pessoa corresponda ao amor divino, dando sua resposta de amor a Deus. Quando a pessoa não corresponde ao amor divino por ela, este amor é privado do bem que deseja sinceramente, com a intensidade infinita que é própria do amor divino. O fato de esse bem não ser o *próprio* bem não faz com que não haja a privação do bem que deseja; o desejo, de fato, não é satisfeito. Somente faz com que tal privação não provenha de alguma busca de uma vantagem própria, mas puramente da sinceridade ou autenticidade de um amor de alguém que é a bondade mesma e, assim, infinitamente feliz.

Para a nossa inteligência fica, sim, um mistério. Não compreendemos bem a possibilidade dessa coexistência de felicidade perfeita e algum tipo de sofrimento que *não perturbe* essa felicidade tão perfeita. Para alguma compreensão do mistério pode ainda ajudar a consideração da perfeita *liberdade* do eterno ato de amor divino às criaturas. O sofrimento desse amor *não é* algo *imposto* a Deus, mas depende da Sua liberdade soberana. Assim, o mistério que permanece é um mistério de *amor*, do amor em sua *perfeição infinita*. Se Deus nos ama, ama com aquela *perfeição* que é também a *razão* do *desejo* e da possibilidade do sofrimento (tristeza) do desejo insatisfeito.

III. A felicidade e o sofrimento do Filho de Deus encarnado

A encarnação do Filho de Deus traz em si um grande mistério de coexistência de felicidade e sofrimento. Consideramos aqui, em primeiro

lugar, a vida do Filho de Deus encarnado neste nosso mundo terreno. Em seguida, vamos refletir também sobre Sua vida após Sua ascensão aos Céus.

1. A felicidade do Filho de Deus encarnado em Sua vida nesta terra

Jesus Cristo era o homem mais feliz vivendo nesta terra, em toda a história da humanidade. Se a felicidade consiste na posse do bem, e se a felicidade perfeita e completa está na posse perfeita do bem infinito, que é Deus, a felicidade de um homem – e de toda e qualquer pessoa criada – está, sobretudo e de modo decisivo, na sua *união com Deus*. Ora, Jesus, vivendo a vida humana nesta terra, estava unido a Deus de um modo singularíssimo. A Sua união com Deus no nível do *ser* era o que se chama “união hipostática”: a união da natureza humana com a natureza divina na única Pessoa do Filho de Deus, da segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Em consequência desta união, pela qual Jesus é, ao mesmo tempo, homem e Deus, Ele possui, como homem, uma união singular com Deus também no nível da *ação*, ou seja, da relação pessoal pelo ato de *conhecer* e *amar*.

Ele tinha um “conhecimento íntimo e direto”¹⁶ de Deus, Seu Pai.¹⁷ Ele *via* o Pai, tinha o que se chama a “visão imediata, beatífica” do Pai, de Si mesmo como Deus e do Espírito Santo. É deste modo que podia ter o conhecimento claro e certo da Sua identidade divina, como também o conhecimento de todos nós, de todas as pessoas humanas em toda a história da humanidade, de modo que vale para todos: Ele “me amou e Se entregou por mim” (*Gl* 2,20).¹⁸

¹⁶ *CIC* 473.

¹⁷ Cf. *Jo* 1,18; 5,19; 7,29; 8,55; *Mt* 11,27.

¹⁸ Cf. *Pro XII, Mystici Corporis* (29/06/1943), n. 75. Vale a pena citar o trecho inteiro no qual o Papa fala desta visão beatífica de Jesus na terra, pois fala também dessa consequência da visão com relação ao conhecimento daqueles pelos quais entregou Sua vida: “Esse amorosíssimo conhecimento que o divino Redentor de nós teve desde o primeiro instante da sua encarnação, excede tudo quanto a razão humana pode alcançar; pois que ele pela visão beatífica de que gozou apenas concebido no seio da Mãe Santíssima, tem continuamente presente todos os membros do seu corpo místico e a todos abraça com amor salvífico. Ó admirável dignação da divina bondade para conosco! Ó inconcebível ordem da imensa caridade! No presépio, na cruz, na glória sempiterna do Pai, Cristo vê e abraça todos os membros da Igreja muito mais claramente, com muito maior amor do que a mãe o filho que tem no regaço, do que cada um de nós se conhece e ama a si mesmo.”

Ora, a felicidade perfeita da união com Deus consiste nesta visão imediata (e, por isso, “beatifica”), isto é, em ver Deus “face a face” (cf. *ICor* 13,12), “tal como Ele é” (cf. *IJo* 3,2), o que significa que não é o conhecimento de Deus em *conceitos* da mente humana; em lugar dos conceitos está Deus mesmo. Esta visão é “a fonte inexaurível de felicidade” (*CIC* 1045), exatamente porque comporta a *união* com *Deus*, a posse do *bem infinito*, objeto supremo do amor do homem. Vivendo neste mundo, Jesus estava unido ao Pai desta maneira perfeita de conhecer e amar. É por isso que podemos afirmar que Ele era o homem mais feliz que viveu, vive e viverá sobre esta terra.

Certamente, Jesus tinha também tantas outras alegrias em Sua vida humana, mas a união com Seu Pai Celestial era a alegria maior, era Sua felicidade por excelência. É justamente esta felicidade, não as outras alegrias que também outras pessoas humanas podem ter, que constitui um mistério da vida terrena de Jesus.

2. O sofrimento do Filho de Deus encarnado

O Filho de Deus Se fez homem assumindo a natureza humana num estado de solidariedade com uma humanidade decaída e fadada à morte por causa do pecado (cf. *Fl* 2,7; *Rm* 8,3; *CIC* 602), sendo a morte o final de tantos sofrimentos que são consequência do pecado (pecado original e pecados pessoais). Jesus realizou a profecia do “Servo sofredor” de Isaías¹⁹; veio “para servir e dar a vida em resgate por muitos” (*Mc* 10,45). O ponto culminante dos Seus sofrimentos foi a Sua paixão e morte na cruz. Foram fortíssimas dores corporais e espirituais. O ápice do Seu sofrimento na cruz foi sentir-Se abandonado pelo Pai: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (*Mt* 27,46).

Não há dúvida, portanto, que a vida de Jesus nesta terra não era somente uma vida feliz, muito particularmente pela posse do sumo bem, pela união perfeita com o Pai Celestial, mas também uma vida de *sofrimento* que atingiu o seu ponto culminante em Sua paixão e morte na cruz, sendo o ápice desse ápice a dor da alma, expressa com as palavras já citadas: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Por que essa dor do abandono era tão profunda? Por que esse sofrimento era o ápice dos Seus sofrimentos? Não é somente porque foi sofrimento espiritual, não uma dor corporal. Tem outra razão mais decisiva. Sabemos

¹⁹ *Is* 52,13-53,12.

que o sofrimento é a privação percebida de um bem. Ora, quanto maior for o bem de que se está privado, tanto maior será o sofrimento. Igualmente, quanto mais agudamente for percebida essa privação, tanto maior será o sofrimento. Considerando o sofrimento do abandono na cruz, vemos que o bem de que Jesus Se sentia privado era o *bem supremo*, o bem infinito, Deus Pai. Além disso, a percepção dessa privação era a *máxima possível*. Expliquemo-lo.

Em que consistia propriamente a privação do bem supremo? Jesus estava privado da Sua união com o Pai, não via mais o Pai? Experimentava até mesmo o sofrimento dos condenados ao inferno? Não, certamente não foi isso. Como diz, com muita razão, o Catecismo da Igreja Católica, depois de ter citado 2Cor 5,21: “Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus”. “Jesus não conheceu a reprovação, como se Ele mesmo tivesse pecado (cf. Jo 8,46)” (CIC 603). De que coisa, então, estava privado?

Como homem, estava privado da *percepção de qualquer ajuda por parte do Pai*. As palavras do grito de Jesus são as palavras do Salmo 22. Este Salmo explica o sofrimento expresso com as palavras: “Meu Deus, por que me abandonaste?” Pois logo após esta pergunta angustiosa, dolorosa vem outra: “Ficas longe apesar do meu grito e das palavras do meu lamento?” E continua: “Meu Deus, te chamo de dia e não respondes, grito de noite e não encontro repouso.” Em seguida, lembra a ajuda e, assim, o amor de Deus manifestado aos pais no passado: “Em ti confiaram os nossos pais, confiaram e tu os libertaste; a ti gritaram e foram salvos, esperando em ti não ficaram desiludidos.” Mas, agora, Deus parece não dar mais ajuda alguma e, por isso mesmo, a confiança da pessoa em Deus está sendo ridicularizada: “Mas eu sou um verme, e não um homem, infâmia dos homens, desprezo do povo. Zombam de mim todos os que me veem, torcem os lábios, sacodem a cabeça: «Confiou no Senhor, que ele o salve; que o livre, se é seu amigo»” (Sl 22,1-9).

Portanto, Jesus não está privado propriamente da Sua união com o Pai; Ele não Se torna pecador, privado da união com Deus, mas continua a ver o Pai e O ama com toda a força do Seu amor divino-humano. Porém, está privado do Pai no sentido de não experimentar *ajuda* alguma do Pai como *manifestação concreta, sensível do Seu amor* por Jesus, Seu Filho. Ora, essa experiência de abandono (abandonar equivale a não dar ajuda alguma) é tanto mais dolorosa quanto mais claro e profundo for o conhecimento da bondade e da capacidade de ajuda da pessoa de quem se espera tal ajuda. Tal conhecimento – conhecimento experimental – da

bondade e capacidade de ajuda do Pai, Jesus o tem com absoluta perfeição através da visão imediata do Pai. Daí, portanto, a profundidade inigualável do sofrimento de Jesus crucificado, apesar da Sua união tão perfeita com o Pai e também devido à perfeição dessa união.

3. A coexistência de felicidade e sofrimento em Jesus em Sua vida na terra

Acabamos de constatar que a presença da *visão do Pai* na alma de Jesus, embora seja fonte de *felicidade*, é também uma razão da *profundidade* inigualável do *sofrimento* de Jesus na cruz. De fato, o sofrimento do abandono que Jesus experimentou na cruz é, de alguma maneira, maior do que o sofrimento do abandono que experimenta uma pessoa que se privou a si mesma da união com Deus. Pois tal pessoa odeia a Deus, não o quer e desconhece a infinita bondade divina, enquanto Jesus conhece perfeitamente a infinita bondade do Pai e O ama com todas as Suas forças. O sofrimento de se experimentar abandonado por uma pessoa que se odeia não é tão profundo quanto o de se sentir abandonado por uma pessoa que se ama e da qual se sabe muito bem que é muito bondosa, até mesmo a bondade infinita. Vê-se aqui que o amor (amar o bem) não é somente razão de felicidade pela união com o bem, mas pode também ser razão de sofrimento, isto é, da privação do bem *amado*.

Existe, porém, também um outro aspecto. A vida de Jesus na terra, particularmente Sua paixão e morte, traz como característica a coexistência de profundíssima felicidade da união com o Pai Celestial e de profundíssimo sofrimento. São duas experiências *opostas* na alma de Jesus. Por isso, surge o questionamento de *como* isso é *possível*. Como pode haver, ao mesmo tempo, na mesma alma a *presença* beatificante do bem e a *privação* do bem? Somente pode haver ambas as coisas ao mesmo tempo, se *não* for o *mesmo bem* de que se goza e de que se está privado, ou se houver presença e privação sob *aspectos diversos*.

Como já ficou explicado, a visão do Pai exclui em Jesus toda privação real da presença do Pai²⁰, e esta presença é sempre necessariamente fonte de felicidade. Mas o Filho de Deus Se fez homem para *redimir* os homens. Para isso, devia tornar-Se *solidário* com eles, que são uma humanidade sofredora por causa do pecado, para poder realizar o sacrifício expiatório e redentor da Cruz. Devia, portanto, ter uma natureza humana capaz de

²⁰ Cf. Jo 16,32: “O Pai está sempre comigo.”

sofrer. É o sofrimento que é consequência do pecado.²¹ Daí conclui-se o seguinte:

- se a visão do Pai não pode ser senão fonte de *felicidade*, capaz de encher toda a alma completamente desta felicidade, e
- se Jesus devia, ao mesmo tempo, ser capaz de *sofrer*, o *efeito beatificante* da visão do Pai devia ser *restrito*.

A Paixão de Jesus, Suas dores físicas e espirituais, particularmente Sua agonia e Sua imensa dor de Se sentir abandonado pelo Pai, mostram o quanto esse efeito beatificante da visão do Pai podia ser restrito (ao mais íntimo do seu espírito), sem, no entanto, cessar completamente.

Esta *coexistência* de felicidade tão forte, capaz de tomar posse de toda a alma de Jesus, e de um sofrimento tão profundo é certamente um *mistério*. Faz parte dos mistérios da vida de Jesus nesta terra. O mistério é diverso daquele do “sofrimento” do amor divino. Neste último caso, a dificuldade de compreensão está no fato de que esse sofrimento não perturba realmente a infinita felicidade, *não a restringe* de modo algum; é simplesmente um aspecto da *perfeição* do puríssimo amor de Deus às pessoas criadas, dotadas por Ele de liberdade de escolha. Se, neste caso, parece que nem se possa falar propriamente de “sofrimento”, no caso de Jesus feliz e sofredor ao mesmo tempo, não há nenhuma dificuldade em reconhecer a realidade do sofrimento, mas, sim, em reconhecer a verdade da Sua visão beatífica do Pai. Pode parecer que o sofrimento impossibilite essa felicidade, que é própria de quem já vive a vida gloriosa do Céu. Jesus, porém, ainda estava a caminho para o Pai.²² É o mistério da Sua mais íntima união com o Pai (“o Pai está em mim e eu no Pai” - Jo 10,38; 14,10-11; 17,21), de um lado, e da Sua missão redentora (que inclui o sofrimento, a solidariedade com os homens sofredores), por outro lado.

A reflexão no mistério da felicidade e do sofrimento em Deus nos levou a reconhecer a *compaixão* ou *misericórdia* de Deus com relação a Sua criatura em estado de miséria por causa do pecado. Vimos que não se

²¹ O Catecismo da Igreja Católica diz que Jesus “no amor redentor que sempre o unia ao Pai, assumiu-nos na perdição de nosso pecado em relação a Deus a ponto de poder dizer em nosso nome, na cruz: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» (Mc 15,34). Tendo-o tornado solidário de nós, pecadores, «Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós» (Rm 8,32), a fim de que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte de seu Filho» (Rm 5,10).”

²² Cf. Jo 7,33; 8,14; 13,1.3; 14,12.28; 16,28; 17,13.

deveria entender a “misericórdia” ou “compaixão” divina somente como uma metáfora, o que significaria: Deus não tem propriamente compaixão, mas somente *age* como quem tem compaixão. Porém, o sofrimento (“paixão”) implicado na compaixão ou misericórdia é, no caso da misericórdia divina, puramente uma *característica própria do amor*, que considera *seu* o sofrimento da pessoa amada. Ora, é com a encarnação do Filho que Deus, como homem, realizou e manifestou a Sua misericórdia de um modo *novo*, mais impressionante para nós: Ele não somente é compassivo-misericordioso pela *união de amor* com o miserável, mas Ele mesmo *assume o sofrimento* do miserável para libertá-lo da sua miséria.

Deste modo, com Seu sofrimento expiatório e redentor, Jesus *revela* – de um modo compreensível para nós, como também muito impressionante – a *com-paixão divina* que está na origem da Sua vinda neste mundo como homem, da Sua missão redentora por parte do Pai. Podemos dizê-lo com as palavras de São João Paulo II. Tendo apresentado a ofensa a Deus pelo pecado como um mistério de “sofrimento”, de “dor, inconcebível e inexprimível, que, por causa do pecado, o Livro Sagrado, na sua visão antropomórfica, parece entrever nas ‘profundezas de Deus’ e, em certo sentido, no próprio coração da inefável Trindade”, ele diz que “o Livro Sagrado, mais frequentemente, fala-nos de um Pai que experimenta compaixão pelo homem, como que compartilhando a sua dor. Esta imperscrutável e indizível ‘dor’ de Pai, em definitivo, gerará sobretudo a admirável *economia do amor redentor* em Jesus Cristo, para que, através do ‘mistério da piedade’, o amor possa revelar-se mais forte do que o pecado na história do homem. Para que prevaleça o ‘Dom’!” E mais adiante: “E nos lábios de Jesus Redentor, em cuja humanidade se concretiza o ‘sofrimento de Deus’, ressoará com frequência uma palavra em que se manifesta o Amor eterno e cheio de misericórdia: ‘*Misereor*’ (tenho compaixão).”²³

Sim, em Jesus Redentor “se concretiza” para nós o “sofrimento de Deus”, pois o sofrimento do Filho encarnado é sofrimento *humano* de uma Pessoa *divina*, sendo assim manifestação, em forma *humana*, de um misterioso sofrimento do amor *divino*. Uma vez que, já na vida terrena, Jesus possui também a *felicidade*, participando pelo conhecimento e o amor da felicidade divina, a coexistência n’Ele de felicidade e sofrimento reflete também, de alguma maneira, o mistério da coexistência

²³ JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, n. 39.

de felicidade e sofrimento em Deus-Amor. Como já vimos, uma grande diferença a respeito dessa coexistência está no seguinte fato: em Deus, o mistério está na questão como algum tipo de sofrimento possa coexistir com a infinita felicidade; em Jesus, Deus-homem, o mistério está na dificuldade de entender como a felicidade tão perfeita da visão beatífica de Deus possa coexistir com um sofrimento tão profundo.

IV. Felicidade e sofrimento de Jesus depois da Sua glorificação até o fim da história

1. O mistério de um sofrimento de Jesus glorioso ainda presente na terra

Jesus veio do Pai fazendo-Se homem, viveu uma vida humana nesta terra como uma caminhada para o Pai e, tendo chegado Sua hora, passou deste mundo para o Pai (cf. *Jo* 13,1). Agora está à direita de Deus (cf. *Mc* 16,19), glorificado, entronizado. Ele não tem mais um corpo mortal, mas *imortal, transfigurado, inacessível* a qualquer ação que possa causar dor e morte. A alma de Jesus, já depois da Sua morte na cruz, está agora *completamente* compenetrada pela felicidade da Sua união com o Pai no Espírito Santo (visão beatífica). Agora, assim parece, não há mais possibilidade alguma de algum tipo de sofrimento. Em outras palavras: quando Jesus vivia aqui na terra a nossa vida humana, Ele Se encontrava ainda “em estado de caminhada” (*in statu viae*), podendo dizer: “Eu vou para o Pai”. Agora não vai mais para o Pai, pois já chegou definitivamente e goza perfeitamente da felicidade dessa união.

E agora, tendo ido embora, somente espera que nós cheguemos também lá para onde Ele nos precedeu? Não, não é assim. Pelo contrário, Ele prometeu solenemente que estará com Seus discípulos em seu caminho para o Pai: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (*Mt* 28,20). Ele prometeu até mesmo “voltar” de junto do Pai para os discípulos, para os levar consigo ao Pai: “Vou preparar um lugar para vós. E depois que eu tiver ido e preparado um lugar para vós, *voltarei e vos levarei comigo*, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também” (*Jo* 14,2-3). Isso não pode se referir somente à vinda de Jesus para o juízo final e a conclusão de toda a história, com a realização de novos céus e nova terra (cf. *2Pd* 3,10-13; *Ap* 21,1).

Esta presença pode significar uma união espiritual de Jesus com Seus discípulos que se realiza através do Seu *amor* por eles. Tal presença

comporta, então, também uma *participação* espiritual nos *sofrimentos* dos Seus discípulos que estão ainda a caminho do Céu. É o amor que faz isso, faz participar das alegrias e dores da pessoa amada, como escreveu o Apóstolo Paulo: “O amor seja sincero. ... Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (*Rm* 12,9.15). De fato, quem ama considera como *seu* o que é da pessoa amada. O amor de Jesus é de uma perfeição singular. Além disso, existe o mistério de uma união especialíssima entre Ele e os homens na terra, membros da Sua Igreja, união esta que é expressa pelo Apóstolo Paulo com o conceito da unidade de um “corpo” ou da unidade de “cabeça” e “corpo”²⁴.

Considerando tudo isso, Santo Agostinho podia afirmar: “Cristo já foi elevado ao mais alto dos céus; contudo, continua sofrendo na terra através das tribulações que nós experimentamos como seus membros.” Indicando a base para esta afirmação, ele continua então, dizendo: “Deu testemunho desta verdade quando se fez ouvir lá do céu: *Saulo, Saulo, por que me persegues* (*At* 9,4). E ainda: *Eu estava com fome e me destes de comer* (*Mt* 25,35).”²⁵ Portanto, o que é feito aos membros do Seu Corpo, a Igreja, é feito a Jesus mesmo. O que fazemos a outra pessoa na terra, é feito ao próprio Jesus. Ele Se identifica com estas pessoas (“fizestes a mim” – *Mt* 25,40) por uma união de amor.

Além disso, devemos considerar um outro dado: antes de ir para o Pai, estando ainda a caminho do Pai, ou seja, antes de passar deste mundo para o Pai, Jesus fez algo de muito particular, para que, apesar de ter ido para o Pai, Ele continuasse a estar conosco no nosso caminhar para o Pai. Ele quis ficar conosco não somente pela união de amor conosco, espiritualmente, mas com *todo* o Seu *ser humano*, alma e corpo. Ele o fez instituindo a Santíssima *Eucaristia*.

A Sua presença eucarística não é somente uma presença espiritual, mas é verdadeiramente uma presença “física”, no sentido de uma presença real *substancial*, presença Sua com *toda* a Sua substância humana, alma e corpo. Deste modo, Ele Se colocou, até o fim dos tempos, nas mãos dos homens, expondo-Se a sofrer por parte deles a incompreensão deste dom, a indiferença com relação a esta prova suprema de amor, a irreverência e a profanação (por negligência e por maldade). Sem dúvida, pela maneira

²⁴ Cf. *1Cor* 10,17; 12,12-27; *Ef* 1,23; 4,4; 5,23; *Cl* 1,18.24.

²⁵ Sto. AGOSTINHO, *Sermo de Ascensione Domini*, Mai 98,1-2: PLS 2,494-495 (tradução portuguesa segundo *Liturgia das Horas segundo o Rito Romano. II* (ed. brasileira, ano 1995), p. 828-829).

de estar presente, isto é, não com a própria extensão quantitativa, mas através das aparências de pão e vinho (“à maneira de substância”), o corpo de Jesus não é acessível a uma ação que o pudesse ferir ou lhe causar qualquer dor que seja. Mas *Ele*, a *pessoa* de Jesus, verdadeiramente *presente como homem*, é atingível exatamente *enquanto está presente desse modo*. É atingível como não seria sem essa presença humana substancial. Não é a mesma coisa se alguém ofende Jesus: p. ex., com o pecado de roubo ou assassinio, ou se O ofende profanando a Santíssima Eucaristia. O último é um pecado que, de alguma maneira verdadeira e real, atinge Jesus diretamente porque Se dirige a Ele diretamente enquanto presente como homem, com presença propriamente e especificamente humana (embora de modo singular, misterioso).

Além disso, é importante considerar ainda um outro aspecto. É a consideração do *momento da instituição* da Santíssima Eucaristia. É significativo o fato de que Jesus a instituiu estando ainda *a caminho do Pai*, ainda, portanto, em estado de “viajor”, não depois da Sua ressurreição. Ele a instituiu com a consciência não somente dos imensos frutos que produzirá no decorrer dos séculos, mas também do que será feito a Ele neste sacramento por parte dos homens em todos esses séculos; e Ele sofria por causa disso.

Ao refletir neste fato, precisa levar em consideração duas coisas. À primeira já acenamos: é a verdade de fé de que todos os pecados de todos os homens, também daqueles que vivem depois da volta de Jesus ao Pai, foram, são e serão causa do sofrimento de Jesus,²⁶ sobretudo da Sua paixão e morte na cruz. A segunda consideração é que o fato da presença substancial de Jesus, neste nosso mundo terreno pela Santíssima Eucaristia, acrescentar um *aspecto novo* ao sofrimento de Jesus; algo que não haveria sem essa Sua presença eucarística sobre a terra. Pois não se trata somente do sofrimento de Jesus ao instituir esse sacramento da Sua presença – com plena consciência do que iria acontecer a Ele no decorrer dos séculos –, o sofrimento, portanto, quando ainda não tinha sido glorificado, podendo, por conseguinte, sofrer como quem está *a*

²⁶ Cf. CIC 598: “No magistério de sua fé e no testemunho de seus santos, a Igreja nunca esqueceu que “foram os pecadores como tais os autores e como que os instrumentos de todos os sofrimentos por que passou o Divino Redentor” [Catech. R. 1,5,11; cf. *Hb* 12,3]. Levando em conta que nossos pecados atingem o próprio Cristo [Cf. *Mt* 25,45; *At* 9,4-5], a Igreja não hesita em imputar aos cristãos a responsabilidade mais grave no suplicio de Jesus”.

caminho da felicidade eterna. O que tem a mais é aquilo que – quanto à Sua presença nesta terra depois da Sua ascensão ao Céu – é *próprio* e *específico* da Sua *presença eucarística*, sendo presença não somente verdadeira e real, mas propriamente *substancial*, presença de Jesus como *homem*-Deus não em toda a parte, mas em determinados lugares e tempos, não em todos os homens, mas naqueles que “comem Sua carne e bebem Seu sangue” (cf. *Jo* 6,54).

Refletindo bem os diversos dados, podemos, portanto, reconhecer também em Jesus glorificado, já de volta ao Pai, uma certa coexistência de felicidade e sofrimento. Isto vale enquanto não houver ainda novos céus e nova terra, ou seja, até a consumação de toda a história na perfeição eterna. Considerando a perfeição da felicidade de Jesus em Sua natureza humana, felicidade verdadeiramente perfeita, é razoável pensar que depois da Sua glorificação fosse excluído todo e qualquer tipo de sofrimento. Então é novamente a consideração da *perfeição* do Seu *amor*, amor humano-divino, e da *Eucaristia*, sacramento desse amor, sacramento da Sua presença real substancial, que nos leva a admitir a existência de algum sofrimento.

Certamente, há uma grande diferença entre este sofrimento e aquele da Sua vida terrena. O sofrimento da vida terrena era *incompatível* com uma felicidade perfeita, completa pela união com o Pai; por causa da missão redentora, tal felicidade tinha de ser *restrita*. Agora, na glória, a felicidade própria da visão beatífica não tem mais tal restrição. Por isso, o mistério da coexistência de felicidade e sofrimento em Jesus na glória se assemelha, de alguma maneira, à coexistência de felicidade e sofrimento em Deus-Amor. A dessemelhança provém do fato de que se trata da felicidade de um *homem*, de uma pessoa de natureza (não somente divina, mas) *humana*. Tal felicidade não pode ser infinita, e para a natureza humana é possível um sofrimento que é absolutamente impossível para a natureza divina.

2. O grande valor misterioso do sofrimento em sua conexão com a felicidade (amor)

Refletindo sobre a possibilidade de algum tipo misterioso (“inconcebível, inexprimível”) de sofrimento em Deus mesmo, exatamente em Seu amor pelas pessoas criadas, chegando – com base na revelação divina, – à conclusão de que tal sofrimento existe, e refletindo sobre o sofrimento de inexprimível profundidade que o Filho de Deus encarnado quis aceitar, logicamente se é levado a reconhecer-se uma *grandeza* misteriosa do so-

frimento. O sofrimento deve, portanto, ter um grande *valor*, deve trazer em si um segredo de preciosidade.

Em Deus, podemos admirar uma *grandeza* misteriosa do sofrimento enquanto expressão ou consequência da *perfeição* do *amor divino* às pessoas criadas. Em Cristo, podemos admirar o inestimável *valor* do sofrimento se for aceito por *amor*, vivido com amor, e isso significa: se for vivido por alguém que está em união com Deus e, por isso, é *feliz*.

Como pode o sofrimento, que é um mal, a saber, a privação de um bem, ter um valor e, até mesmo, um grande valor? Como pode ser uma preciosidade? De fato, o sofrimento, em si mesmo, não é um bem, não é desejável. Por isso mesmo, o sofrimento é algo que só pode haver em alguém que *está a caminho* da obtenção plena do bem ou é um sofrimento *em relação a* alguém que ainda está a caminho. Este último é o sofrimento de Deus-Amor.

Refletindo no sofrimento de *Jesus* (sofrimento humano), conclui-se que o sofrimento tem aquele valor não por alguma boa qualidade dele, mas pelo fato de possibilitar a realização de um *amor maior*, ou seja, de um amor de todo *especial*, o amor livre, meritório, expiatório, redentor.²⁷ “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (*Jo* 15,13). É, de fato, com este ato supremo de amor que Jesus realizou a obra da redenção de todo o gênero humano. “Por suas feridas fostes curados” (*IPd* 2,24). Pelo Seu *sofrimento* – ou melhor, pelo Seu *amor sofredor* – Ele curou a ferida causada à honra, ao amor de Deus e à dignidade do homem chamado a ser filho de Deus.²⁸ Assim se chega a reconhecer que Jesus transformou o significado do sofrimento humano, consequência do pecado, dando-lhe um novo sentido: já não é castigo pelo pecado, mas oportunidade para uma prova de um amor maior, podendo participar do amor redentor de Jesus. É o que diz também o Catecismo da Igreja Católica: “Por sua paixão e morte na cruz, Cristo deu um novo sentido ao sofrimento, que doravante pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora” (*CIC* 1505). Sendo Jesus o enviado de Deus e

²⁷ Cf. N. THANNER, *O porquê da Cruz (II)*, em: *Sapientia Crucis* 2 (2001) 46-53; Id., “Deus amou tanto o mundo que enviou-nos Seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados”. Para uma compreensão e vivência da expiação cristã, em: *Sapientia Crucis* 8 (2007) 53-92.

²⁸ Cf. *CIC* 1487: “Quem peca fere a honra de Deus e seu amor, sua própria dignidade de homem chamado a ser filho de Deus e a saúde espiritual da Igreja, da qual cada cristão é uma pedra viva.”

Deus mesmo, Seu sofrimento humano é também a suprema manifestação da misericórdia divina para com os homens pecadores.

Resumindo, podemos dizer: como tal – *privação* percebida de um bem – o sofrimento não é algo de bom, mas *em conexão com o amor* e, por conseguinte, com a *união com Deus* e, portanto, com a *felicidade* que consiste nessa união, o sofrimento é algo *precioso* e, por isso, até mesmo desejável.²⁹ O sofrimento é isso pelo fato de ser uma *condição* para um *amor maior*, muito *especial*, capaz de *vencer-eliminar o mal* por excelência, isto é, o pecado com suas consequências nefastas e, assim, levar à *felicidade* perfeita, eterna, até mesmo para uma felicidade *maior*. Pois quando o amor for maior, maior será também a perfeição da união com Deus e, consequentemente, a felicidade eterna.

V. A felicidade e o sofrimento no seguimento de Cristo nesta terra

1. A felicidade dos discípulos de Jesus nesta terra

Jesus chamou os Seus discípulos, aqueles que O seguem, “felizes” (cf. *Mt* 5,3-11; *Lc* 6,20-22). Ele quer que a *Sua* alegria seja também a alegria *dos discípulos*, permanecendo eles no Seu amor: “Eu vos disse isso (permanecer no Seu amor), para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (*Jo* 15,10). É *imitando* o Seu amor humilde, serviçal, isto é, pondo em prática o que Ele ensinou com Seus exemplos, que os discípulos serão felizes (cf. *Jo* 13,17: “sereis felizes se o puserdes em prática”). Esta alegria deverá ser uma alegria “completa”, “em

²⁹ Santa Rosa de Lima, numa carta ao médico Castillo, escreveu: “é esta a única verdadeira escada do paraíso e sem a cruz não há caminho que leve ao céu. ... Quem dera que os mortais conhecessem o valor da graça divina, como é bela, nobre, preciosa; quantas riquezas esconde em si, quanto tesouros, quanto júbilo e delícia! Sem dúvida, então, eles empregariam todo o empenho e cuidado para encontrar penas e aflições! Iriam todos pela terra a procurar, em vez de fortunas, os embaraços, moléstias e tormentos, a fim de possuir o inestimável tesouro da graça” (citação do texto como se encontra na segunda leitura do Ofício das Leituras da Liturgia das Horas segundo o Rito Romano (edição brasileira), 23 de agosto, festa de Santa Rosa de Lima).

A serva de Deus Ir. Consolata Betrone escreveu, como palavras de Jesus dirigidas a ela: “Sim, Consolata, o sofrimento é o que há de mais desejável na terra, quando se compreende o seu valor e se sabe que, por meio dele, se pode realmente mostrar o amor a Deus e que é moeda para a salvação das almas” (LORENZO SALES, *O Coração de Jesus ao mundo*, Lisboa 2003, 252).

plenitude”.³⁰ É a alegria pela posse de um bem que ultrapassa em valor todos os outros bens e pelo qual, por conseguinte, vale a pena renunciar aos outros bens para possuir este. É o que disse Jesus, falando do Reino de Deus: “O Reino dos Céus é como um tesouro escondido num campo. Alguém o encontra, deixa-o lá bem escondido e, *cheio de alegria*, vai vender todos os seus bens e compra aquele campo” (Mt 13,44).

Uma outra característica desse bem tão grande – no fundo, o bem supremo, o bem infinito, Deus mesmo que Se doa, o Pai que Se doa por meio do Seu Filho encarnado, no Espírito Santo – é a seguinte: nada e ninguém pode tirar esse bem, se a pessoa mesma não o abandona ao pecar Jesus mesmo o afirmou falando da alegria da Sua nova presença depois da Sua glorificação, após a tristeza por causa da Sua partida pela Sua paixão e morte: “Também vós agora sentis tristeza. Mas eu vos verei novamente, e o vosso coração se alegrará, e *ninguém poderá tirar a vossa alegria*” (Jo 16, 22).

É isso mesmo que então se verificará nos discípulos depois da ressurreição, ascensão aos Céus e do dom do Espírito Santo. “E enquanto os abençoava, afastou-se deles e foi elevado ao céu. Eles o adoraram. Em seguida voltaram para Jerusalém, *com grande alegria*, e estavam sempre no templo, bendizendo a Deus” (Lc 24, 51-53). “E os discípulos ficaram cheios de alegria e do Espírito Santo” (At 13,52). Daí também as exortações do Apóstolo Paulo: “No mais, meus irmãos, alegrai-vos no Senhor” (Fl 3,1). “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito, alegrai-vos!” (Fl 4,4).

Voltando à palavra de Jesus: “Ninguém poderá tirar a vossa alegria”, pensemos na *razão* por que é assim.

São duas as razões que se podem indicar. Uma razão é a *qualidade* do bem cuja posse dá essa alegria duradoura, perseverante. O Catecismo da Igreja Católica diz muito bem que “a verdadeira felicidade não está nas riquezas ou no bem-estar, nem na glória humana ou no poder, nem em qualquer obra humana, por mais útil que seja, como as ciências, a técnica e as artes, nem em outra criatura qualquer, mas apenas em Deus, fonte de todo bem e de todo amor” (CIC 1723).

³⁰ Cf. Jo 16,24: “Até agora, não pedistes nada em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja *completa*.” Jo 17,13: “Agora, porém, eu vou para junto de ti, e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que tenham em si a minha alegria *em plenitude*.”

Este bem, a união com Deus, os discípulos o têm a partir do Batismo, no qual receberam, com o Espírito Santo, as virtudes teologais, ou seja, as que têm Deus mesmo por objeto: a fé, a esperança e o amor (a caridade). A *fé* não é já a visão de Deus, mas ela “nos faz degustar como por antecipação a alegria e a luz da visão beatífica, meta de nossa caminhada na terra” (CIC 163). A *esperança*, por sua vez, “nos traz alegria mesmo na provação: ‘alegando-vos na esperança, perseverando na tribulação’ (Rm 12,12)” (CIC 1820). Mas é sobretudo e decisivamente “o *amor* de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5) que faz feliz o discípulo de Cristo (cf. CIC 1829).

A felicidade que ninguém pode tirar ao discípulo de Jesus está, portanto, na *união com Deus*, aquela união que é o efeito do dom que Deus faz de Si mesmo ao discípulo de Jesus. Ora, este dom não é somente passageiro, mas *constante*; somente pelo pecado se perde esse dom. Eis a segunda razão por que nada e ninguém pode tirar a alegria do discípulo. Sendo um dom constante, é descrito como um “morar” (cf. Jo 14,23: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada”). Faz parte desse dom e é até mesmo o ápice dele na vida terrena do discípulo o dom que Jesus faz de Si mesmo pela Sagrada *Comunhão eucarística*. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele” (Jo 6,56).

A felicidade da pessoa que ama está na união com a pessoa amada. Ora, quanto mais ardente for o amor, tanto mais forte será o desejo dessa união, se ainda não existir, e tanto mais perfeita será a união existente como também tanto maior será a felicidade. Por isso a felicidade, maior ou menor, do discípulo de Jesus dependerá da qualidade mais ou menos perfeita da sua união com Jesus e com todas as três Pessoas divinas. Em todo caso, essa união é fonte de alegria, de felicidade. O verdadeiro cristão traz em si esta alegria.

2. A felicidade também no sofrimento

O cristão nesta terra não tem somente razão para se alegrar. Jesus lhe prometeu não somente a alegria da Sua presença fiel e constante, mas também o *sofrimento* em Seu seguimento. “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, *tome sua cruz* e siga-me” (Mt 16,24). “Sereis odiados por todos, por causa do meu nome” (Mt 10,22). “Então vos entregarão à tortura e à morte. E por causa do meu nome sereis odiados por todas as nações” (Mt 24,9). No entanto, o sofrimento das perseguições como também outros sofrimentos não podem eliminar a alegria do amor e da

união com Jesus. “Os apóstolos saíram do Conselho, *alegres* por terem sido considerados dignos de *injúrias* por causa do santo Nome” (At 5,41). “De fato, compartilhastes os *sofrimentos* dos prisioneiros e aceitastes com *alegria* o confisco dos vossos bens, na certeza de possuir uma riqueza melhor e mais durável” (Hb 10,34). O Apóstolo Paulo dá seu testemunho pessoal dessa coexistência de alegria e sofrimento ou de alegria até mesmo no sofrimento: “Estou cheio de consolação e transbordo de *alegria*, em todas as nossas *aflições*” (2Cor 7,4). “*Alegro-me* nos *sofrimentos* que tenho suportado por vós” (Cl 1,24). “Em tudo nos recomendamos como ministros de Deus ... Como sendo *tristes* e, no entanto, estando sempre *alegres*” (2Cor 6,4.10). Jesus mesmo exortou os discípulos à alegria por causa do sofrimento no Seu seguimento: “Felizes sereis quando os homens vos odiarem, expulsarem, insultarem e amaldiçoarem o vosso nome por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos, nesse dia, e exultai, porque será grande a vossa recompensa no céu” (Lc 6,22-23).

Como se vê, toda essa alegria só é possível para quem tem *fé* (fé em Deus, em Sua presença, em Sua providência amorosa, infalível), *esperança* no cumprimento garantido das promessas divinas (a recompensa, a felicidade eterna) e, a respeito da felicidade possível no momento presente, o *amor*, pois só pelo amor se pode já agora ter um certo antegozo daquela união com Deus que será alcançada quando a fé passar à visão e a esperança à posse plena e absolutamente segura.

Na vida do discípulo de Jesus nesta terra há, portanto, uma verdadeira felicidade pela posse de um bem, não de qualquer bem, mas do *bem supremo, infinito*, isto é, de Deus, o bem capaz de satisfazer todo desejo de felicidade. Se não é possível essa felicidade completa, é por causa da imperfeição no *modo* de possuí-la na fé, não pela visão imediata. O amor, ao invés, é essencialmente o mesmo na vida na terra e no Céu.

Ao mesmo tempo, há na vida do discípulo, inevitavelmente, o sofrimento. É um verdadeiro sofrimento, uma verdadeira *privação percebida de um bem*. Como na vida terrena de Jesus mesmo, pode ser um sofrimento muito grande, uma dor, uma tristeza profundíssima, quase capaz de tomar posse de toda a alma, de acabar com toda alegria. Mas é apenas “quase”. A felicidade *permanece* nesses momentos, embora como que tendo se retirado até o cômodo mais íntimo da fortaleza, enquanto a dor consegue invadir todo o resto. Nesses casos extremos, a alegria permanece pelo menos na forma de uma profunda paz no mais íntimo da alma.

Deste modo, fica sendo verdade, até mesmo nesses casos extremos, que a felicidade e o sofrimento *coexistem* na vida do discípulo em sua vida neste mundo. Até mesmo, é verdade que o próprio sofrimento pode tornar-se *causa de alegria*. Isso não constitui uma contradição – a *privação* de um bem ser causa de alegria, a qual se tem pela *posse* de um bem – pelo fato de que a causa da alegria não é a *privação* de um bem, mas o *bem* que se torna possível por essa privação ou que dela resulta, como acima ficou exposto.

VI. A felicidade dos santos no Céu e seus desejos de amor

A *meta* da caminhada do homem – que é toda a sua vida terrena – é “o Céu”, como explica o Catecismo da Igreja Católica: “Essa vida perfeita com a Santíssima Trindade, essa comunhão de vida e de amor com ela, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados, é denominada «o Céu»” (CIC 1024). Este “Céu” é “o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva” (CIC 1024). É algo tão perfeito que constitui para a nossa inteligência humana um *mistério*: “Este mistério de comunhão bem-aventurada com Deus e com todos os que estão em Cristo supera toda compreensão e toda imaginação” (CIC 1027).

Sendo assim, parece que a felicidade dos santos no Céu não entra no nosso tema da coexistência de felicidade e sofrimento. Aqui se trata de “felicidade suprema e definitiva”. É a posse perfeita e eternamente assegurada do bem infinito que é Deus mesmo. Parece que nisso não existe a possibilidade de algum desejo não (ainda) satisfeito.

No entanto, temos de considerar um determinado aspecto dessa vida bem-aventurada no “Céu”. Esta vida não significa estar alheio a tudo que acontece com aqueles que ainda estão a caminho da bem-aventurança no Céu. A satisfação de todo desejo de felicidade pela visão beatífica da Santíssima Trindade não elimina nos bem-aventurados o *amor pelos irmãos* que ainda se encontram *em necessidade e perigo no caminho* do Céu. O Catecismo da Igreja Católica diz a este respeito o seguinte:

Na glória do Céu, os bem-aventurados continuam a cumprir com alegria a vontade de Deus em relação aos outros homens e à criação inteira. (CIC 1029)

Em sua *solene profissão de fé*, o Papa Paulo VI professou:

Cremos que a multidão das almas, que já estão reunidas com Jesus e Maria no Paraíso, constituem a Igreja do céu, onde gozando da felicidade eterna, veem Deus como Ele é (cf. *1Jo* 3,2), e participam com os santos Anjos, naturalmente em grau e modo diverso, do governo divino exercido por Cristo glorioso, uma vez que intercedem por nós e ajudam muito a nossa fraqueza, com a sua solicitude fraterna.³¹

O que significa *cumprir com alegria a vontade de Deus em relação aos outros homens e à criação inteira*? O que significa ser *associado ao governo divino exercido pelo Cristo na glória*? Qual é essa vontade de Deus que os bem-aventurados continuam a cumprir senão a *salvação* dos homens que ainda não chegaram ao Céu? O que Cristo quer realizar com Seu governo, ao qual os bem-aventurados estão associados, senão levar todos os homens e a criação material ao seu destino eterno? À realização dessa vontade os bem-aventurados estão associados. Como? Pela intercessão.

Podemos novamente deixar falar o Catecismo da Igreja Católica, que cita o Concílio Vaticano II (*LG* 49):

“Eles não deixam de interceder por nós ao Pai, apresentando os méritos que alcançaram na terra pelo único mediador de Deus e dos homens, Cristo Jesus. Por conseguinte, pela fraterna solicitude deles, nossa fraqueza recebe o mais valioso auxílio”³²;

Não choreis! Ser-vos-ei mais útil após a minha morte e ajudar-vos-ei mais eficazmente do que durante a minha vida³³.

Passarei meu céu fazendo bem na terra³⁴. (*CIC* 956)

A grande ajuda pela “fraterna solicitude” dos santos no Céu indica com clareza que sua perfeita felicidade na união com Deus não implica, de modo algum, que eles não tenham grande *amor* pelos seus irmãos na terra, *interessando-se* pelo progresso deles no caminho do Céu; *não* é para eles, portanto, *indiferente* se seus irmãos na terra vão bem ou se estão no caminho errado que pode levá-los à perdição eterna. Isto significa também que, na visão de Deus, devem ter algum conhecimento da situação dos irmãos na terra, particularmente, pode-se supor, daqueles que durante a sua vida na terra lhes eram próximos.

³¹ PAULO VI, *Credo do povo de Deus: Solene profissão de fé*, n. 29.

³² *LG* 49.

³³ S. Domingos moribundo a seus irmãos, cf. JORDÃO DA SAXÔNIA, *Lib.*, 93.

³⁴ Sta. TERESINHA DO MENINO JESUS, *Verba*.

Uma consequência do que vimos até agora é o seguinte: devido ao seu *amor* sincero e profundo aos irmãos na terra, os bem-aventurados no Céu podem ter *desejos* que dizem respeito ao verdadeiro bem desses irmãos, sobretudo à salvação deles. Tais desejos podem não estar satisfeitos. Se amam sinceramente – quem duvidará? –, esses desejos significam um certo sofrimento. Certamente não pode ser um sofrimento que perturbe de alguma maneira ou diminua a felicidade perfeita da sua união com Deus, mas não deixa de ser um desejo sincero, e quando o desejo não é satisfeito, há a *privação de um bem*. Não será a privação do *próprio* bem a não ser pelo fato de o *amor* considerar o bem da pessoa amada como *seu próprio* bem.

É verdade que tal “sofrimento”, isto é, essa privação de um bem, sendo aquela de uma pessoa na perfeita posse do bem infinito, parece irreal, enquanto não pode perturbar a felicidade perfeita. No entanto, é real como é real o *amor* que deseja o bem dos irmãos.

VII. A felicidade perfeita dos santos Anjos e seu “estado de caminhada” no seguimento de Cristo

Os santos Anjos, criaturas puramente espirituais, contemplam “constantemente a face de meu Pai que está nos céus” (*Mt* 18,10), gozam da visão beatífica de Deus. Com esta posse do bem infinito são perfeitamente felizes, como foi dito das pessoas humanas na visão beatífica no Céu. Existe, porém, uma diferença entre estes bem-aventurados e os santos Anjos.

A diferença não consiste na visão beatífica de Deus³⁵, com a adoração, o louvor e a ação de graças, glorificando a Deus. Ambos, Anjos e homens bem-aventurados, também intercedem pelos homens na terra. A *diferença* está no seguinte:

Os homens bem-aventurados no Céu, embora participem “do governo divino exercido por Cristo” e continuem a cumprir “com alegria a vontade de Deus em relação aos outros homens e à criação inteira” (veja acima), já *terminaram* a sua *missão* e gozam agora da recompensa pela missão cumprida. A sua intercessão já *não* é o cumprimento de uma *missão*, pela qual, por conseguinte, poderão ainda receber alguma

³⁵ Certamente, entre todos os bem-aventurados, Anjos e homens, existe uma diferença no *grau de perfeição* desta visão.

recompensa. É simplesmente seguir o impulso do seu amor aos irmãos na terra; é expressão de “solicitude fraterna”.

Os santos Anjos, ao invés, têm ainda propriamente uma *missão* a cumprir em relação às demais criaturas (aquelas que ainda estão a caminho). A carta aos Hebreus afirma dos Anjos, por meio de uma pergunta retórica, o seguinte: “Não são todos eles espíritos servidores, *enviados a serviço* daqueles que deverão herdar a salvação?” (*Hb* 1,14). O Catecismo da Igreja Católica, resumindo, diz o seguinte:

Os anjos são criaturas espirituais que glorificam a Deus sem cessar e servem a seus desígnios salvíficos em relação às demais criaturas: “Ad omnia bona nostra cooperantur angeli. – Os anjos cooperam para todos os nossos bens”. (*CIC* 350³⁶)

Os anjos cercam Cristo, seu Senhor. Servem-no particularmente, no cumprimento de sua missão salvífica para com os homens. (*CIC* 351)

Os Anjos são “*servidores e mensageiros de Deus*” (*CIC* 329; cf. *Sl* 103,20-21). Cada um dos Anjos tem a sua missão particular que lhe foi dada por Deus para o tempo da história da salvação.³⁷

Para refletirmos sobre essa missão dos santos Anjos, precisamos considerar brevemente as *duas missões divinas*, isto é, a do Filho e a do Espírito Santo, e sua relação com os Anjos. Através dessas duas missões, os Anjos e os homens são levados à sua meta final, à participação da comunhão divina trinitária e, assim, à felicidade perfeita, completa, eterna.

A prova de Anjos e homens consiste em aceitar ou não esta via para a sua perfeição final, isto é, através da missão do Filho e do Espírito Santo. Os Anjos puderam se decidir com um só ato da vontade, que foi definitivo. Deste modo, os Anjos que deram o seu “sim” à missão do Filho e do Espírito Santo já puderam receber o dom perfeito e eterno do Espírito Santo e, com Ele, do Filho e do Pai. É o que chamamos de “visão beatífica”. Deste modo, a *missão do Espírito Santo* neles já estava perfeitamente realizada antes da realização da missão do Filho, isto é, da Sua encarnação, vida, paixão, morte e glorificação. Mas o dom perfeito

³⁶ A citação é de São TOMÁS DE AQUINO: *S.Th.* I, q. 114, a. 3, ad 3.

³⁷ Ao expor a ordem do mundo dos santos Anjos (os nove coros ou “ordens”), São Tomás diz que só por causa de conhecimentos imperfeitos “*só em comum* é que podemos distinguir as funções e as ordens deles [dos Anjos]”. “Se, porém, lhes conhecêssemos perfeitamente as funções e as distinções, perfeitamente saberíamos que cada anjo tem a *sua função própria* e a sua ordem própria, entre os seres” (*S.Th.* I, q. 108, a. 3).

do Espírito Santo, com o Filho e o Pai, se realizou *em vista da missão do Filho*.³⁸ De fato, Cristo, o Filho de Deus encarnado, “é o centro do mundo angélico” (CIC 331).

O “sim” dos Anjos na prova referiu-se também à *missão do Filho*. Com a realização progressiva desta missão, também o “sim” deles deve ser colocado em prática, ser, por assim dizer, “ratificado” com a ação concreta. Isto significa particularmente que todos eles são “espíritos servidores, enviados a serviço daqueles que deverão herdar a salvação” (Hb 1,14) em Jesus Cristo. São “espíritos *servidores*” que ainda servem a Deus numa *missão* (“enviados”) na história da salvação. São enviados que realmente exercem um *ministério*, um *serviço*, uma *diakonia*³⁹, enviados, portanto, com uma *missão* definida de *servos* e com *responsabilidade*.⁴⁰

Deste modo, os santos Anjos *seguem o Filho encarnado*, que não veio para ser servido, mas para *servir*⁴¹. Para dizê-lo com uma comparação simples: o Filho Se lançou na profundidade da vida humana nesta terra; os Anjos O seguem: servem o Filho na profundidade da vida humana, como narra o evangelista Mateus: “os Anjos se aproximaram para servi-lo” (Mt 4,11), isto é, servir o Filho de Deus que está com fome, no deserto. Ora, servir aquele que veio para realizar a grande obra da redenção da humanidade, significa igualmente *servir os homens* como *servidores do Redentor* deles – até a realização consumada, em todos os efeitos, desta obra redentora no final dos tempos.

Devemos, portanto, combinar duas verdades:

1. A perfeita união dos santos Anjos com as três Pessoas divinas, com a felicidade que corresponde a esta união; é a *perfeição última da missão do Espírito Santo* para estar neles. Eles *já atingiram a meta*. Quanto à sua união com Deus Uno e Trino não se encontram mais “em estado de caminhada”.
2. Em relação à *missão do Filho*, os santos Anjos *não* se encontram já na *perfeição plena*; podem ainda *merecer*, podem obter uma *recompensa* pelo cumprimento da sua missão; são ainda, de alguma

³⁸ Veja-se a respeito de tudo isso: N. THANNER, *La relazione di Cristo con i santi angeli*, em: *Sapientia Crucis* 19 (2018) 5-77.

³⁹ πνεύματα εἰς διακονίαν ἀποστελλόμενα (Hb 1,14).

⁴⁰ Este não é o caso dos homens santos no Céu.

⁴¹ Cf. Mc 10,45; Mt 20,28; também Lc 22,27: Cristo está no meio dos homens como aquele que *serve*: ὁ διακονῶν.

maneira, “em estado de *caminhada*” para a perfeição *absolutamente plena* ou última.

Devemos levar em consideração a *particularidade* da missão do Filho, distinta da do Espírito Santo. O Filho, sendo enviado “para ser homem”, assume realmente o “estado de caminhada”, está a caminho do Pai (cf. Jo 17,8.11) e, por isso, pode *sofrer* humanamente e *merecer*, para Si mesmo e para os outros, uma recompensa, isto é, o atingimento da meta. Ele pode dizer, com toda a verdade: “Eu vou para o Pai” (Jo 14,12), ainda que ao mesmo tempo, sob outro aspecto, já esteja na meta - “Eu estou no Pai e o Pai está em mim” (Jo 14,11). Deste modo, Ele vivia na terra já tendo a visão imediata do Pai e, por outro lado, ainda estava a caminho para o Pai, merecendo para Si e para os outros a glorificação plena, o atingimento da meta final.

Aqui se pode reconhecer alguma semelhança entre a situação de Jesus e aquela dos santos Anjos. Com relação à missão do Espírito Santo, ou seja, à união com as Pessoas divinas, os Anjos não estão mais “a caminho”. Mas ainda estão “a caminho” em relação à *missão do Filho*, que Se fez “viajor” (*viator*) e, agora já de volta para o Pai, ainda está caminhando para o Pai em Seu Corpo que é a Igreja, e com ela⁴². Isto quer dizer que os santos Anjos não estão ainda “a caminho” em relação direta a Deus Uno e Trino, mas em relação a *Jesus Cristo* como o *Redentor dos homens e princípio de união de todas as criaturas*⁴³. Este é o seu *seguimento de Cristo* que veio para servir e dar a vida em resgate pelos homens pecadores.

Certamente, estar a caminho e, ao mesmo tempo, já ter atingido a meta só é possível sob *aspectos diferentes*. A este respeito, podemos seguir a explicação de São Boaventura.

Ele distingue nos Anjos entre a “força contemplativa” e a “força administrativa” (*vis contemplativa, vis administrativa*). Diz que Deus criou o universo de tal modo que o maior e mais forte ajude o menor e mais fraco. Por isso, Deus deu ao Anjo não apenas a *força contemplativa* – com a qual podia e deveria merecer *dirigir-se a Deus* –, mas também a *força administrativa*, com a qual podia e devia *ajudar o homem*. Ora, uma vez que a força contemplativa era própria do Anjo *em si*, a respeito desta força foi estabelecido por Deus um tempo para merecer *até ao primeiro dirigir-*

⁴² Cf. CONC. VATICANO II, *Ad Gentes*, n.15: “pelo sacrifício eucarístico, com efeito, passa incessantemente ao Pai com Cristo” (*cum Christo ad Patrem transit*).

⁴³ Cf. Ef 1,3-10; Cl 1,12-20.

-se a Deus ou afastar-se de Deus. Mas, porque a força administrativa se refere ao *homem*, foi estabelecido para os Anjos um tempo de merecer até que os *homens* fossem assumidos totalmente na glória. Quanto à força administrativa, por conseguinte, o estado de merecer (ou desmerecer, que não é o caso dos Anjos santos) permanece até o dia do juízo.⁴⁴ Trata-se da relação dos Anjos com Deus, com o mistério de Deus em Si, e da sua relação com as *outras criaturas*, particularmente o homem, que é o centro de todo o universo criado, enquanto é, por sua essência, a união do mundo espiritual e material.

Portanto, *por causa da sua missão* na história da salvação em prol da humanidade, como os “Anjos do Filho do Homem” (cf. Mt 16,27; 25,31), e enquanto continuam a ter esta missão de serviço⁴⁵ – que cumprem com grande perfeição de amor –, os santos Anjos estão ainda a caminho, *podem ainda merecer uma recompensa*.

Uma objeção que surge então é a seguinte: se ainda podem obter uma recompensa e, por conseguinte, crescer em felicidade, não são plenamente felizes. A esta objeção São Boaventura responde com a distinção entre prêmio “substancial” e “acidental”. O *premium substantiale*, os santos Anjos o mereceram com sua orientação para Deus (“per conversionem sui in Deum”); o *premium accidentale* merecem com seu ministério para o bem dos *homens* (“per ministerium quod faciunt homini”). Por ser prêmio “acidental” (que se acrescenta sem mudar a substância), os Anjos podem possuir a bem-aventurança (pela união com Deus na visão imediata, que é o prêmio substancial) sem esse outro prêmio, como também o esperar

⁴⁴ São BOAVENTURA, *In II Sent.*, d. 7, p. 1, a. 1, q. 3 resp: “Angelus spiritualis et incorruptibilis et propinquus ad gloriam est conditus; ideo est ei tempus breve praefixum, homini vero terminus longus. Sed quia Deus sic condidit universum, ut maior et potentior minorem adiuvet; ideo non tantum Angelo dedit *vim contemplativam*, qua mereretur et ad Deum converteretur, sed etiam *administrativam*, qua homini suffragaretur.

Quia ergo vis contemplativa erat ipsius Angeli *in se*, quantum ad illam praefixum est spatium merendi *usque ad primam conversionem* vel aversionem. Sed quia administrativa respectum habet *ad hominem*, ideo praefixum est Angelis spatium merendi, *usquequo homines assumerentur totaliter ad gloriam*.”

“Mansit ergo quantum ad vim istam (sc. *administrativam*) *status merendi* vel demerendi, et manet *usque ad diem iudicii*.”

⁴⁵ São BOAVENTURA, *In II Sent.*, d. 9, a. 1, q. 6, ad 2: “sunt tamen adhuc viatores *ratione ministerii*.”

por esse prêmio não perturba a sua felicidade que consiste na união com o bem infinito.⁴⁶

Podemos ainda complementar a argumentação de São Boaventura esclarecendo que aquela alegria, aquela felicidade, aquela recompensa obtida no seguimento de Cristo não aumenta a felicidade dos santos Anjos – já perfeitamente felizes na visão de Deus – em *seu grau de perfeição*, mas segundo a *plenitude* ou *amplidão*.

Podemos, então, concluir:

No “seguimento de Cristo” – servindo a Ele e sendo inseridos em Sua missão para a salvação dos homens, servindo, por conseguinte, os homens – os santos Anjos, em certa semelhança com Cristo mesmo, são ainda *viatores*, podem ainda *merecer* e obter uma *recompensa*. Esta é “acidental”, ou seja, algo acrescentado, distinguindo-se da recompensa já recebida com a visão beatífica de Deus, que lhes dá sua felicidade “substancial”. No *cumprimento da sua missão* podem, de fato, ainda fazer *novas experiências*, obter *novos conhecimentos*, *alegrias* que a visão de Deus como tal não comporta. Veja-se a este respeito as afirmações dos Apóstolos Pedro e Paulo, falando de um “desejo” dos Anjos e de um novo conhecimento em relação com a realização da obra de salvação de Cristo na Igreja⁴⁷. Tais conhecimentos experimentais podem aumentar a alegria “acidental” não somente por extensão (pelo número maior de objetos), mas também em intensidade.⁴⁸

⁴⁶ Cf. ID., *In II Sent.*, d. 5, a. 3, q. 2, ad 2. São Tomás de Aquino diz que os santos Anjos são, de alguma maneira, *viatores* quanto ao prêmio acidental, enquanto nos servem (*De Veritate*, 29,7 ad 5: “Angeli autem non sunt viatores quantum ad praemium essentiale; et ideo quantum ad hoc nihil eis meruit. *Sunt autem aliquo modo viatores respectu praemii accidentalis, in quantum nobis ministrant*, ad quod valet eis meritum Christi”). Na *Summa Theologiae* prefere não falar propriamente de “merecer” (*S.Th.* I, q. 62, a. 9, ad 3).

⁴⁷ *IPd* 1,12: “A eles (os profetas) foi revelado que não para si mesmos, mas para vós, administravam essa mensagem, que agora vos anunciam aqueles que vos pregam o Evangelho, no Espírito Santo enviado do céu, e *ao qual os anjos desejam ardentemente perscrutar*” (tradução da “Bíblia de Jerusalém”, Ed. Paulinas, São Paulo 2004). *Ef* 3,8-11: “A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça: anunciar aos pagãos a riqueza insondável de Cristo e mostrar claramente a todos como se realiza o seu plano escondido, desde toda a eternidade em Deus, que tudo criou. Assim, doravante, os principados e as potestades celestes *conhecem, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus*, de acordo com o projeto eterno que ele executou no Cristo Jesus, nosso Senhor.”

⁴⁸ Cf. SÃO BOAVENTURA, *In II Sent.*, d. 11, a. 2, q. 2, resp.: Deve-se distinguir entre “alegria na qual consiste o prêmio *substancial*, e esta é a alegria do *bem incriado* que o Anjo tem de Deus e em Deus”, e a “alegria na qual consiste o prêmio *acidental*; e esta é

O “estado de caminhada” ou o “seguimento de Cristo” por parte dos santos Anjos, porém, torna possível não somente experiências agradáveis, motivos de alegria, mas também de *desagrado*, de *tristeza*. Isto vale particularmente para o ministério de Anjo da Guarda. “Cada fiel é ladeado por um anjo como protetor e pastor para conduzi-lo à vida.”⁴⁹ Quão grande desgosto deve ser para o Anjo, que vê Deus face a face, quando seu protegido ofende a Deus pelo pecado e ele, o Anjo, não pode intervir para impedir isso, pois deve respeitar a livre decisão do protegido! Isso é tão contrário ao que o Anjo deseja com todo o ardor do seu amor a Deus e também ao homem. O Anjo ama a Deus e ao homem e tem o grande desejo de conduzir o homem pelo caminho para Deus, mas acontece que o homem não se deixa conduzir, não presta atenção e não acolhe as boas inspirações ou as advertências na sua consciência! Aquilo que se pode reconhecer na parábola do filho pródigo vale aqui também para o Anjo, isto é: a grande alegria do pai pela volta do filho pródigo manifesta a dor, a tristeza que tinha pelo afastamento do filho; a grande alegria dos Anjos pela conversão de um pecador (cf. *Lc* 15,7.10) manifesta o seu grande desgosto pelo pecado e pela impenitência do homem. Nisso, o Anjo realmente segue Cristo “que enfrentou uma tal contradição por parte dos pecadores” (*Hb* 12,3). O Anjo não pode ficar indiferente diante desse mal, que é a ofensa de Deus e a miséria do homem que lhe é confiado em seu ministério de Anjo da Guarda, e que ele reconhece como alguém por cuja salvação o próprio Filho de Deus encarnado derramou o Seu sangue.

À dificuldade, para a nossa compreensão, de conciliar isso com a perfeita felicidade do Anjo na visão beatífica não se pode senão dar a mesma resposta que já foi dada anteriormente: não pode perturbar, não pode diminuir, de alguma maneira, a felicidade pela posse do bem infinito. O fato de tal conciliação ser para nós um mistério não deveria levar a negar esse tipo de sofrimento.

a alegria que o Anjo tem do *bem criado* seja *próprio* seja *de outra pessoa*”. Também se deve reconhecer: “nos Anjos, a alegria na qual consiste o prêmio essencial não aumenta de modo algum, porque quanto a isso estão perfeitamente felizes; mas a alegria na qual consiste o prêmio accidental pode aumentar não somente por *extensão*, mas também por *intensidade*, devido ao bem próprio e devido ao bem conjunto; pois servindo os outros fazem boas obras, com os quais merecem o prêmio accidental; e também conduzem seus concidadãos à bem-aventurança, pelos quais, sem dúvida, se alegram e congratulam.”

⁴⁹ *CIC* 336, citando S. BASÍLIO, Ad. Eunomium 3,1: PG 29,656B.

VIII. “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5) – a felicidade sem sofrimento algum

Refletimos sobre a *coexistência* de felicidade e sofrimento. No início, constatamos que na nossa vida humana nesta terra há tanto felicidade como também sofrimento e que podemos caminhar para a *felicidade sem sofrimento* ou para o sofrimento sem felicidade. Alargamos, então, a nossa perspectiva para reconhecer um mistério de coexistência de felicidade e sofrimento não somente na vida humana nesta terra.

Agora, no final da nossa reflexão, podemos reconhecer com clareza que essa coexistência de felicidade e sofrimento não é algo definitivo, não pode ser. O Deus infinitamente feliz criou as criaturas para alguma participação em Sua felicidade, que é felicidade de amor, união, comunhão. O sofrimento, qualquer tipo de sofrimento, é algo que faz parte do *caminhar* para a felicidade perfeita, completa, eterna. Está sempre ligado, de um ou outro modo, ao “estado de caminhada” das criaturas.⁵⁰ Quando se chegou à meta, tendo chegado à meta *sob todos os aspectos*, não haverá mais sofrimento algum.

O livro do Apocalipse apresenta esse estado do universo das criaturas como uma renovação completa: “Vi então um novo céu e uma nova terra. Pois o primeiro céu e a primeira terra passaram” (Ap 21,1). “Aquele que está sentado no trono disse: ‘Eis que faço novas todas as coisas’” (Ap 21,5).⁵¹ Então, sim, “está feito” (Ap 21,6); o projeto do amor sábio e todo-poderoso de Deus estará plenamente realizado. Somente haverá felicidade, sem sofrimento algum. Antes, o sofrimento tinha sua razão de ser, tinha até mesmo seu significado positivo, sendo ligado ao amor, sendo até “redimido” por Cristo⁵². Mas, sendo essencialmente ligado ao

⁵⁰ O Catecismo da Igreja Católica exprime bem a realidade do “estado de caminhada” de todas as criaturas: “A criação tem sua bondade e sua perfeição próprias, mas não saiu completamente acabada das mãos do Criador. Ela é criada «em estado de caminhada» («*in statu viae*») para uma perfeição última a ser ainda atingida, para a qual Deus a destinou” (CIC 302).

⁵¹ Somente porque Deus, em Seu projeto de felicidade para todas as criaturas, respeita, por amor, a decisão livre das pessoas criadas, há pessoas que estarão fora dessa renovação universal (cf. a respeito desta universalidade também Ef 1,9-10; Cl 1,20), como indica também o livro do Apocalipse (cf. 21,8.27; 22,15; 20,10.15).

⁵² Cf. João PAULO II, Carta apostólica *Salvifici doloris*, n. 19: “Na Cruz de Cristo, não só se realizou a Redenção através do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido.” Cf. também a explicação desta afirmação em N. THANNER, *O Porquê da Cruz (II)*, em: *Sapientia Crucis* 2 (2001) 53.

estado de *caminhada* das criaturas, no final da história da salvação, todo e qualquer sofrimento deixará de existir.

Isso vale para aqueles que escolheram Deus como meta e terão chegado a esta meta. Para aqueles que disseram definitivamente “não” a Deus, ao Seu amor por eles, ao caminho pelo qual Deus os quis levar à felicidade da união consigo, ficarão eternamente com o sofrimento da privação do sumo bem.

Esta verdade levanta uma questão a respeito da ausência de todo e qualquer tipo de sofrimento quando estiverem realizados os novos céus e a nova terra. Na nossa reflexão falamos do sofrimento do desejo de amor *insatisfeito*. Ora, com relação às pessoas no inferno, esse desejo permanece insatisfeito; jamais será satisfeito. Como, então, não haverá mais tal sofrimento do desejo insatisfeito?

A resposta se deve encontrar na diferença entre tal desejo em relação a uma pessoa que ainda está *a caminho* para a meta eterna e o mesmo desejo em relação a uma pessoa que já *chegou* a esta meta, ainda que seja a meta negativa (o “não” definitivo a Deus). Como vimos, o amor eterno de Deus, tendo como objeto uma pessoa criada que está a caminho, *deseja* levar esta pessoa à felicidade eterna. Mas, quando o objeto deste amor divino é esta mesma pessoa que se decidiu definitivamente contra o desejo do amor de Deus, Ele, respeitando essa decisão e seu caráter definitivo, não deseja o que Ele sabe que nunca vai acontecer.⁵³ Não tem um desejo, por assim dizer, “irracional”. Seu amor não é uma “paixão” cega, mas um amor sábio, um amor que não se distingue realmente da inteligência de infinita perfeição. Portanto, em relação a tais pessoas, não pode existir tipo algum de “sofrimento”.

Também as pessoas criadas, sejam homens ou Anjos, não terão mais desejo algum não satisfeito e, portanto, nenhum tipo de sofrimento. Não é tão fácil entender isso, quando se pensa, p. ex., em uma mãe, cujo filho

⁵³ A respeito do ato de amor e seus diversos objetos criados (que pode ser a mesma pessoa, mas em diversas situações e momentos), talvez convenha citar um esclarecimento que escrevi em um outro artigo já mencionado anteriormente: “É um só ato de amor, que é infinito, eterno, imutável em si, sem um antes e depois, sem aumento ou diminuição, podendo haver assim um «*acompanhamento afetivo sincero, verdadeiramente ‘presente’*», como uma ‘emoção’ (alegria, compaixão, desilusão) verdadeiramente contemporânea, na **coexistência de todas as ‘emoções’ no único ato de amor de Deus** que abrange todos os objetos de seu amor em todos os seus aspectos)” (*Deus* – “*um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor*” (*Bento XVI*), em: *Sapientia Crucis* 10 (2009) 84).

não se salvou. Como é que esta mãe, encontrando-se na felicidade da visão beatífica de Deus, não se entristece, de alguma maneira, com esta perdição eterna do seu filho?

Uma possibilidade é que ela está tão repleta da felicidade da união com Deus, o bem infinito, que já não se lembra desse seu filho. Outra explicação possível é a seguinte: ela sabe que seu filho se perdeu, mas reconhece nisso (e adora, plenamente se conformando) o amor justo de Deus, que não força ao bem, mas respeita a decisão livre da pessoa criada e dá à pessoa o que lhe é devido. Ela participa, portanto, da visão que Deus tem do fato da perdição desse filho; não tem um desejo irrealizável, ilógico. Em sua perfeita união com Deus está feliz com uma felicidade que satisfaz todo desejo de felicidade.

Portanto, a meta final é a felicidade completa sem sofrimento algum.

Nathanael Thanner ORC

Índice

Introdução	7
I. “Felicidade” e “sofrimento” – o significado dos dois termos opostos	8
II. A felicidade e o “sofrimento” de Deus-Amor.....	10
1. A felicidade de Deus	10
2. O “sofrimento” de Deus-Amor.....	11
a) O sofrimento divino: a rejeição do Seu amor por parte das pessoas criadas, a ofensa divina	12
b) O sofrimento (tristeza) implicada na misericórdia divina	13
c) O sofrimento do desejo de amor insatisfeito	13
3. O sofrimento do amor divino e a felicidade perfeita de Deus	14
Um verdadeiro sofrimento?	17

III. A felicidade e o sofrimento do Filho de Deus encarnado	18
1. A felicidade do Filho de Deus encarnado em Sua vida nesta terra.....	19
2. O sofrimento do Filho de Deus encarnado	20
3. A coexistência de felicidade e sofrimento em Jesus em Sua vida na terra	22
IV. Felicidade e sofrimento de Jesus depois da Sua glorificação até o fim da história.....	25
1. O mistério de um sofrimento de Jesus glorioso ainda presente na terra	25
2. O grande valor misterioso do sofrimento em sua conexão com a felicidade (amor).....	28
V. A felicidade e o sofrimento no seguimento de Cristo nesta terra.....	30
1. A felicidade dos discípulos de Jesus nesta terra.....	30
2. A felicidade também no sofrimento	32
VI. A felicidade dos santos no Céu e seus desejos de amor	34
VII. A felicidade perfeita dos santos Anjos e seu “estado de caminhada” no seguimento de Cristo	36
VIII. “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5) – a felicidade sem sofrimento algum	43